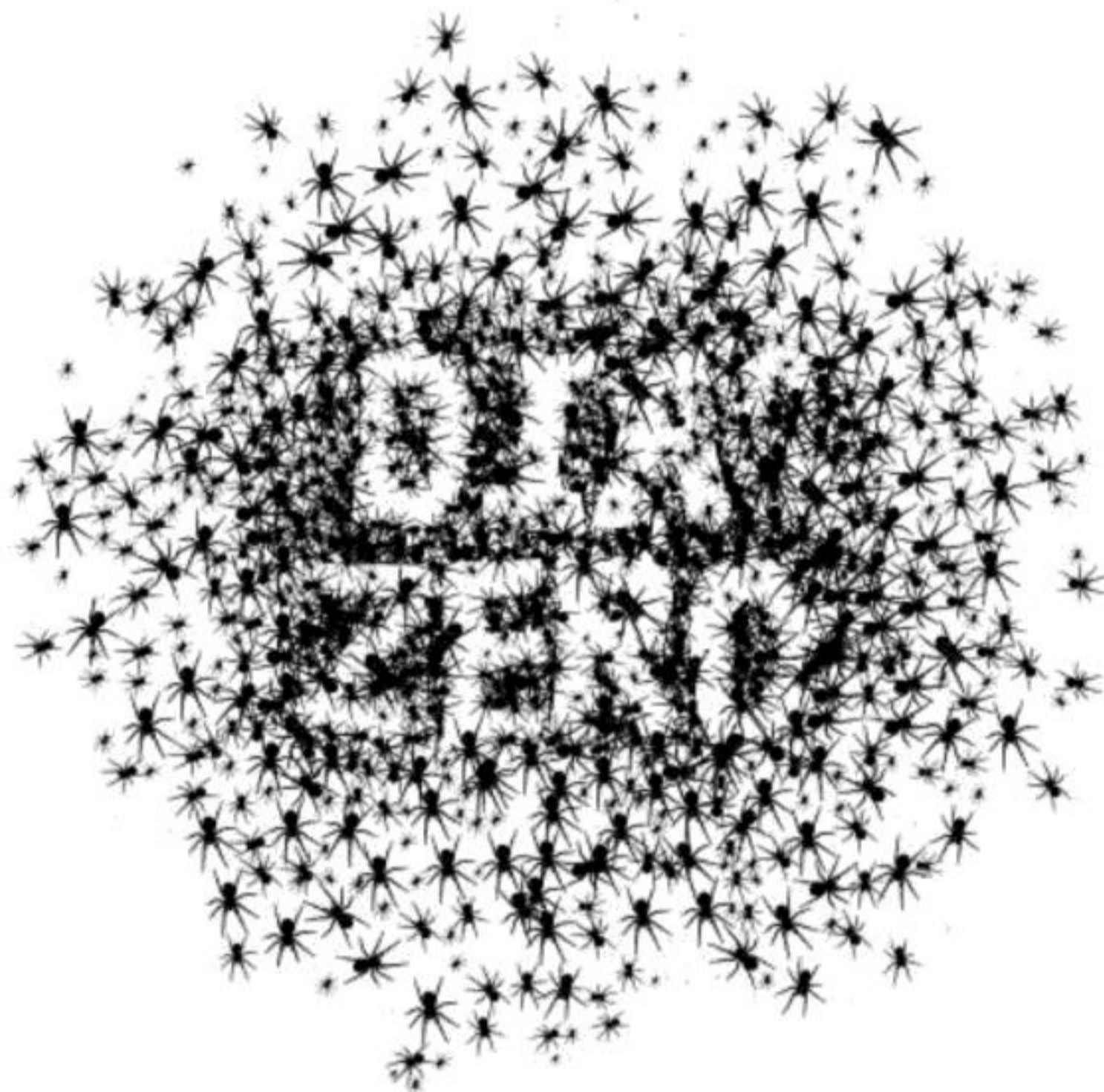


# EZEKIEL BOONE



TRADUÇÃO  
Leonardo Alves



Parada de caminhões da Interestadual 80 Recreação para toda a família, restaurante e posto de gasolina Taco Bell Pizza Hut Starbucks KFC Burrito Barn 42 Flavors Ice Cream Extravaganza Coast-to-Coast Emporium, Nebraska  
Lago Soot, Minnesota  
Chincoteague, Virgínia  
Central Park, Nova York, Nova York  
USS Elsie Downs, oceano Atlântico  
Oxford, Mississippi  
Oslo, Noruega  
Operação salvaguarda, local não revelado, ultrassecreto  
Casa Branca Manhattan, Nova York, Nova York  
Parada de caminhões da Interestadual 80 Recreação para toda a família, restaurante e posto de gasolina Taco Bell Pizza Hut Starbucks KFC Burrito Barn 42 Flavors Ice Cream Extravaganza Coast-to-Coast Emporium, Nebraska  
Berlim, Alemanha  
Espaço aéreo acima de Buffalo, Nova York  
USS Elsie Downs, oceano Atlântico  
Central Park, Nova York, Nova York  
Pleasure Paradise Casino, Atlantic City, Nova Jersey  
Aeroporto Moores, Degrasse, Nova York  
Casa Branca Manhattan, Nova York, Nova York  
Perto de Manhattan, Nova York, Nova York  
Cracóvia, Polônia  
Casa Branca Manhattan, Nova York, Nova York  
Nazca, Peru  
Museu de História Natural, Nova York, Nova York

USS Elsie Downs, oceano Atlântico

Casa Branca Manhattan, Nova York, Nova York

C-17 Globemaster III, vinte mil pés e subindo

Berlim, Alemanha

USS Elsie Downs, oceano Atlântico

A um quilômetro e meio do litoral do Maine

C-17 Globemaster III, Nazca, Peru

Nazca, Peru

Nazca, Peru

Nazca, Peru

Nazca, Peru

Epílogo: Ano-Novo - Stornoway, ilha de Lewis, Hébridias

Exteriores, Escócia

Oxford, Mississippi

Burlington, Vermont

Washington, D.C.

Ilha Loosewood, Maine

*Sobre o autor*

*Créditos*

*Para Zoey.  
Vou tentar escrever mais rápido.*

## PRÓLOGO

### Nave *Mars Conquest*

### Órbita baixa sobre a Terra

O comandante Reynard nunca usava linguajar chulo, mas, com licença, isso era um cocô de primeira. Onde estava o raio do desfile dele?

Reynard era cria dos trigais de Saskatchewan. Canola, lentilha e ervilha também, mas principalmente trigo duro. A mãe dele tinha administrado a fazenda com punhos de ferro. Era generosa com beijos e gentilezas, mas sabia espremer um tostão até pingarem mais dois. O pai de Reynard cuidava do trabalho braçal na propriedade — semear e colher, aplainar o campo e orientar a mão de obra, testar o solo e aplicar fertilizante —, mas quem mandava era a mãe. E uma das coisas que ela sempre falava para Reynard e para a irmã dele era que reclamar do tempo não faz chover nem traz o sol. Se não dá para mudar, não reclame; mas se *dá* para mudar, mude. E também não reclame. Ele havia passado a infância aprendendo que a pior acusação que se podia fazer a alguém era chamar a pessoa de reclamona. “Um cachorro latindo contra o vento”, dizia a mãe. E, segundo ela, se isso valia quando ele não passava de um garoto na fazenda, valia duas vezes mais agora que era um astronauta.

Mesmo assim.

Cocô.

Ele tinha saído da fazenda para a faculdade aos dezessete anos, e, embora voltasse para as férias e os feriados, nunca olhou para trás. Sim, ele sabia que, de certa forma, sempre seria definido pelo céu aberto de Saskatchewan e pelas estradas de terra vermelha da infância, mas havia passado toda a vida adulta tentando trocar essa infância pelos céus infinitos do espaço e pela terra vermelha de um outro planeta.

Comandante Brian Reynard. O primeiro homem a pisar em Marte.

E era para *isso* que ele estava voltando?

Sem falar das horas que tinha passado estudando — graduação dupla em engenharia e bioquímica — ou em simuladores de voo na Força Aérea Real do Canadá. Sem falar do tempo que ele havia passado na Base Aérea de Edwards em um programa conjunto que lhe permitiu cursar a Escola de Pilotos de Teste da Força Aérea dos Estados Unidos, ou do tempo que ele tinha levado para concluir o mestrado em aeronáutica. Sem falar das largas porções de vida devoradas pelos escritórios subterrâneos na Nasa e pelas salas de reuniões da Agência Espacial Canadense. Sem falar do tempo que ele tinha passado correndo e malhando na academia, para garantir que estaria em melhor forma do que os astronautas mais jovens e refinados que tentavam tomar dele a vaga que havia conquistado. E sem falar nem mesmo de todos os anos que havia dedicado preparando-se especificamente para aquela única missão.

Era só olhar a missão em si: oito meses e meio voando na *Mars Conquest* em uma órbita de transferência econômica, porém lenta, de Hohmann a Marte; um ano e meio estabelecendo a primeira

estação de pesquisa em Marte e esperando o momento oportuno de alinhamento para a viagem de volta; outros oito meses e meio de voo. Que tal? Quase três anos da vida dele. Claro, a humanidade havia chegado ao ponto em que uma simples ida ao espaço não bastava mais para deixar alguém famoso — a lista de gente que já tinha feito isso era absurdamente longa na Wikipédia —, e até uma caminhada na Lua era uma atividade concorrida. Mas a primeira pessoa em Marte? O primeiro homem a pôr os pés no Planeta Vermelho? O primeiro ser humano a caminhar sobre uma esfera gigante, fria e poeirenta que flutuava em meio às estrelas? Isso tinha que valer para alguma coisa, não?

Quando ele era criança e a notícia já era antiga, Reynard sentiu arrepios com o eco em preto e branco do pequeno passo de Neil Armstrong na Lua. E mesmo ao descer a escada e deixar que a gravidade fraca de Marte o puxasse para a superfície — até mesmo ao dizer as palavras cuidadosamente preparadas pelo comitê que representava os seis países da tripulação da *Mars Conquest* —, a voz de Armstrong, com estática e tudo, atravessou seu corpo feito um raio. Elétrica.

Então o comandante Reynard achou que era razoável esperar uma recepção digna de herói quando pousasse na Terra. Achou que era razoável acreditar que teria seu lugar junto dos grandes exploradores da história da humanidade. E, diacho, ele achava que era razoável esperar uma chuva de papel picado para celebrar seu retorno.

Sabia que estava sendo ridículo. Mesmo se não tivesse sido criado por uma mãe que considerava reclamação um pecado capital — seguido de perto por prepotência e, depois, linguajar chulo —, ele

reconheceria que era loucura ficar chateado por não ter nenhum desfile. Havia problemas mais sérios.

Talvez fosse por isso que ele estava se aferrando tanto à decepção pela ausência do desfile. Assim podia pensar em algo diferente do impensável. Ele e o resto da tripulação haviam acompanhado desde as primeiras notícias sobre as aranhas — a largura de banda às vezes era limitada, mas eles tinham internet — e se alternaram entre a incredulidade e o horror. Já parecia ruim quando estavam se aproximando da Terra: um acidente nuclear na China que se revelou não um acidente, e sim um arauto do que estava por vir, seguido por surtos de aranhas em todo o planeta. E então, de repente, parecia ter acabado. A Terra estava em choque, mas continuava girando como sempre. Conforme entravam em órbita baixa e se preparavam para pousar a nave, o comandante Reynard ponderou que teria sido muito fácil ele e sua tripulação não fazerem a menor ideia do que tinha acontecido lá embaixo.

A duzentos quilômetros de altitude, a Terra estava luminosa e pacífica. Tão deslumbrante era a beleza que Reynard, que nunca se cansava de olhar para o planeta onde havia nascido, às vezes se questionava se a visão era real. Se não fosse um homem da ciência, talvez tivesse considerado a ideia de que aquilo tudo era um sonho, ou de que a Terra era o produto de algum ser grandioso além da sua compreensão. Apesar da criação como um bom protestante na infância, já adulto ele havia entrado para a igreja da ciência. Louvava diante do altar da matemática e da engenharia, então era difícil pensar na mão de Deus. No entanto, ao observar o sol nascer e se pôr e nascer e se pôr atrás da Terra conforme a nave girava em órbita a mais de sete quilômetros por segundo, para Reynard era



quase impossível não acreditar em um poder maior. Como havia falado ao pisar em Marte, “O lugar da humanidade é no firmamento”.

E depois veio a segunda onda de surtos.

Mas, nos dias entre o fim do primeiro surto e o começo do segundo, a tripulação tinha passado muito tempo... Bom, ele até podia tentar interpretar de outro jeito, mas a melhor forma de dizer era que eles haviam passado muito tempo pirando. Os oficiais científicos Ya Zhang e Vasily Sokolov tinham obtido informações conflitantes dos governos da China e da Rússia, respectivamente, o que deixou todo mundo nervoso. Eles eram cientistas e estavam acostumados a trabalhar com dados. Ya foi informado de que não precisava se preocupar, apesar de a China basicamente ter explodido metade do próprio território, e Vasily foi comunicado de que havia uma ameaça aracnídea, mas estava tudo sob controle graças à engenhosidade russa.

Reynard convocou uma reunião para discutir o assunto e, depois de horas e horas batendo informações, indo e vindo, eles decidiram que a única opção era aguardar ordens. Então fizeram todos os preparativos possíveis para pousar a nave, o que, em circunstâncias normais, já seria motivo bastante para se manterem ocupados e ansiosos.

Mas logo ficou claro que as circunstâncias não eram normais, e, quando começou a segunda onda de surtos, foi quase um alívio; Reynard se deu conta de que estava esperando aquilo desde que o primeiro surto mingudara, e o fato de estar finalmente acontecendo foi meio que uma libertação.

Eles assistiram ao discurso da presidente Pilgrim ao povo americano, ouviram-na explicar o plano de desmembrar o país para salvá-lo. Por respeito, Reynard e o resto da tripulação fingiram não ver a engenheira de voo, Shimmie, chorando. E então, pelo que deu para ver, a coisa toda foi para o inferno. As comunicações com a Terra estavam esporádicas, até que, de repente, com grandes clarões luminosos, acabaram de vez. Eles tiveram outra discussão — do tipo que só pessoas com alto nível de instrução podem ter em tempos de crise — a respeito de qual seria o motivo da perda de contato com a Terra: se as bombas nucleares detonadas nos Estados Unidos tinham causado um pulso eletromagnético e queimado satélites e circuitos de um jeito que não acontecera com os chineses, ou se era apenas a sociedade se desintegrando. Depois de uma ou duas horas, Reynard encerrou o assunto.

— Não importa — disse ele. Àquela altura, eles já tinham avistado os pontinhos luminosos de dezenas de bombas nucleares táticas pipocando pela América do Norte, e haviam conversado e brigado por tempo suficiente para ver uns dois amanheceres e anoiteceres, uma vez que a *Mars Conquest* completava um círculo perfeito em torno da Terra mais ou menos a cada duas horas. — É melhor tomarmos uma decisão. Temos recursos suficientes para ficar mais dois meses aqui em cima. Podemos esperar ordens até nossa margem chegar ao mínimo, quando então, se não tivermos recebido notícia, vamos ter que agir por conta própria de qualquer jeito. Ou, e talvez esta possibilidade seja uma certeza, podemos reconhecer que a situação está uma zona lá embaixo, que nunca vamos receber ordem nenhuma, e que seria melhor chutar o balde e pousar logo de uma vez.

Apesar do caráter militar da expedição, o comandante Reynard pediu a todos que votassem. Um a um, Vasily, Ya, Shimmie, Turk e até Jenny votaram a favor de sair de órbita.

— Certo — disse Reynard. — Vamos para casa.

Durante a reentrada, a nave pulou e tremeu como dois sapos-bois copulando em cima de um prato de percussão, mas, quando tudo se acalmou e o corpo dele já não parecia mais sacudido, o comandante Reynard ficou surpreso de ver que estava chorando. Dois anos, onze meses, três dias. Esse era o tempo que havia ficado sem pisar na Terra. Dane-se que ele sempre seria o primeiro homem a pisar em Marte: seu lar era a Terra. Da cadeira do comandante, a vista era incrível. Céu ensolarado acima da Flórida. Um azul tão límpido que os poucos fiapos de nuvem só deixavam a paisagem mais perfeita ainda. O oceano Atlântico era uma joia cintilante.

O pouso propriamente dito foi quase sem graça. Eles usaram a mesma pista no Centro Espacial Kennedy que antes era usada pelo ônibus espacial, e, embora a *Mars Conquest* voasse mais como um tênis de corrida que como uma águia, o pouso foi suave. O comandante Reynard usou quatro mil e duzentos dos quatro mil e quinhentos metros de pista para frear a nave. Eles checaram todos os sistemas e protocolos antes de finalmente sair, e o comandante Reynard, como era seu direito por ter sido a primeira pessoa a pôr os pés em Marte, foi a primeira pessoa a pôr os pés de novo na Terra.

Depois de quase três anos de ar enlatado e reciclado, o caldo espesso da tarde da Flórida trouxe uma sensação maravilhosa e cheia de vida para seus pulmões. Por um instante, ele estava sentindo uma felicidade indescritível, e todos os pensamentos sobre

aranhas e bombas nucleares e caos e morte e fim do mundo ficaram em segundo plano pela simples alegria de inspirar e expirar, inspirar e expirar, sentindo a gravidade da Terra manter seus pés ligados ao chão.

Mas estava tudo muito quieto.

Não havia ninguém ali para recebê-los.

Nenhum desfile.

Jamais haveria um desfile.

O comandante Reynard deu um suspiro. Um grande e absoluto cocô de primeira.

## Bethesda, Maryland

A cabo Kim Bock levou menos de cinco minutos para se dar conta de que eles teriam que se virar sozinhos. Logo antes de as bombas caírem, viram um helicóptero ir embora com os cinco cientistas e dois civis, Amy Lightfoot e Fred Klosnicks, além de Claymore, o grande e bobo labrador marrom de Amy, rumo à segurança de um porta-aviões. Gordon, o marido de Amy, e Espingarda, o marido de Fred, ficaram para trás com Kim e os fuzileiros navais. A piloto do helicóptero tinha prometido voltar para buscá-los, mas, por mais que Kim desejasse acreditar em salvação, sabia que era uma promessa vazia. O helicóptero já estava sobrecarregado e, embora a dra. Guyer e os outros cientistas pudessem ser prioridade, Kim e seus fuzileiros definitivamente não eram. Não. Kim era bastante realista: eles teriam que se virar sozinhos. Aranhas estavam comendo gente, o governo dos Estados Unidos estava detonando bombas atômicas no próprio território, e a cavalaria não viria ao resgate.

A princípio, eles se mantiveram ocupados. Ficaram um tempo trabalhando para transformar o laboratório da professora Guyer e a unidade de biocontenção do National Institutes of Health em um lugar onde pudessem se esconder das aranhas. Desistiram da empreitada quando Espingarda comentou com o segundo-sargento Rodriguez que os arredores de Washington talvez não fossem um

lugar muito seguro, ainda que eles conseguissem manter distância das aranhas.

— O único motivo pelo qual eu construí um bunker foram as bombas nucleares — disse Espingarda. — Óbvio, eu não imaginava que precisaria me abrigar contra bombas nucleares sendo usadas para nos proteger contra aranhas. Bom, nos proteger em tese. Para ser sincero, não sei se essa foi a melhor estratégia. Mas ainda assim é razoável supor que Washington pode ser a próxima. O risco de sermos vaporizados se ficarmos aqui é maior do que o risco oferecido pelas aranhas. Mesmo operando com informações incompletas, eu não ficaria esperando ordens se fosse você.

Eles *estavam* operando com informações incompletas. Tudo estava desmoronando por todos os lados — quedas de energia, sobrecarga ou falência das redes de celulares, nada além de estática no rádio, a internet era mais um conceito do que uma realidade —, mas tinham ouvido falar das bombas atômicas: Denver, Minneapolis, Chicago, Kansas City, Cleveland, Memphis, Dallas, Las Vegas. Umas trinta, pelo que eles perceberam, destruindo todas as grandes metrópoles que se sabia estarem infestadas. Sem falar nas centenas de toneladas, talvez milhares de toneladas, de explosivos convencionais que já haviam sido lançados sobre rodovias e viadutos em um esforço para deixar os Estados Unidos intransponíveis. A teoria era de que, quanto maior fosse a dificuldade para as pessoas viajarem, maior seria a dificuldade para as aranhas viajarem junto.

— Bom — disse a soldado Sue Chirp —, pelo menos a Disneylândia foi poupada. Eu sempre quis ir para lá.

Kim começou a corrigi-la, mas se conteve. De que adiantava dizer a Sue que a Disneylândia, na verdade, tinha sido destruída junto com toda Los Angeles e um bom pedaço da Costa Oeste? Kim sabia que Sue estava falando só por falar, para tentar fazer com que as duas se sentissem melhor. Além do mais, Sue estava se referindo à *Disney World*. E, até onde Kim sabia, Sue provavelmente tinha razão: a Flórida, pelo menos até aquele momento, parecia ter permanecido livre de aranhas.

Por algum motivo, pensar na Flórida e na Disney World fez Kim pensar na diferença entre os dois cachorros do desenho, Pateta e Pluto, e por que um falava e andava sobre duas pernas enquanto o outro era um cachorro normal, e isso a levou a pensar em Claymore, o cachorro de Amy, o que a fez começar a chorar. De novo. Isso vinha acontecendo muito.

Embora Rodriguez estivesse fazendo de tudo para manter o pelotão ocupado, ainda havia muito tempo livre. O que significava que Kim tinha tempo para ficar pensando naquele cachorro idiota. Ela sempre quisera um cachorro quando era pequena, mas o pai era alérgico. E que loucura: apesar de eles estarem bem perto de Woodley Park, o bairro em que sua família morava e de onde seu pai ia a pé para o trabalho na National Cathedral School, Kim praticamente não havia pensado neles. Mas não conseguia parar de chorar com a lembrança de Claymore balançando o rabo ao subir naquele helicóptero.

Enquanto isso, Teddie, que trabalhava na CNN, ficava de um lado para o outro filmando tudo e parecia empolgada com a ideia de fazer um documentário. Ao mesmo tempo, os outros dois civis, Espingarda e Gordon, se ocupavam com aquela máquina deles, o

ST11, que deveria ser uma exterminadora de aranhas, mas parecia só deixá-las com sono. Porém, isso não impedia Espingarda de chamar Rodriguez de vez em quando e repetir sua opinião de que, se o governo americano, em toda sua glória e sabedoria, decidira largar dezenas de bombas nucleares para erradicar cidades infestadas, talvez não demorasse muito para chegar a vez de Washington. E, embora tecnicamente o National Institutes of Health não ficasse em Washington, alguns quilômetros não pareciam uma distância suficiente tratando-se de nuvens de cogumelo. Sempre que Espingarda falava isso, Kim reparava que Rodriguez ficava incomodado. Rodriguez não era exatamente dotado de ideias próprias e, com aquela confusão e a tropa praticamente sem ordens, era nítido que o segundo-sargento não sabia o que fazer.

Em defesa de Rodriguez, ele havia mantido a disciplina, e também mandara todo mundo ficar longe dos outros militares posicionados no estacionamento do NIH e arredores. Ainda assim, Kim reparou que, de tempos em tempos, alguns dos homens e mulheres uniformizados das unidades em volta deles sumiam.

— Não é coisa da minha cabeça, é? — ela perguntou a Joe Branquelo.

— Não — ele respondeu. — Não foram tantas quanto seria de se esperar, dadas as circunstâncias, mas com certeza houve algumas deserções. O crédito é de Rodriguez, por manter nosso pelotão firme e forte. Mas é questão de tempo até começarmos a sangrar. — Ele a observou e então balançou a cabeça. — Nah. Você não está pensando nisso. Se estivesse, eu perceberia. Você é esperta demais para isso. Além do mais, não adianta. Para onde você fugiria? Acho



que ninguém sabe muito bem o que fazer. Se fosse alguma outra coisa... Rússia. Coreia do Norte. Até terroristas. A gente se prepara para isso, não é? Mas aranhas? — Ele deu risada e depois passou para Kim a garrafa de Gatorade que estava bebendo. Estava quente, e Kim sentiu dor de dente só de olhar a cor verde doentia do líquido açucarado, mas ela não deixou de beber por causa disso. Aquilo a lembrava da infância, uma consolação doce. — Melhor ficarmos juntos, não é? Não é justamente essa a ideia de ser fuzileiro?

Kim também achava. Era um dos motivos por que ela havia se alistado. Ser uma fuzileira significava fazer parte de algo maior que ela própria.

Ela ficou com a garrafa de Gatorade e fez o possível para se aproximar, sem dar muito na pinta, de onde Espingarda, Gordon e Teddie estavam recolhidos junto de Rodriguez. Chegou perto o bastante para ouvir Espingarda dizer a Rodriguez, sem meias-palavras, que, independente do que os fuzileiros resolvessem fazer, os civis iam dar o fora de Washington assim que possível.

Uma hora depois, quando Rodriguez os chamou, Kim reparou que, pela primeira vez, a unidade deles tinha perdido um homem. Garvey ou Harvey ou algo do tipo. Era um garoto calado, pele tão branca que parecia ter passado a vida inteira bebendo só leite morno, e Kim ficou aliviada por ele não fazer parte da esquadra de tiro dela. Mas, embora tenha visto Rodriguez reparar na ausência durante a chamada, ele não fez nenhum comentário. Na verdade, Rodriguez parecia aliviado, e, quando ele começou a falar, Kim se deu conta de que era porque não precisava mais sofrer com a decisão: alguém havia decidido por ele. Não dava para ficar só contando o tempo.

— Os recursos principais no NIH — ele se referia aos cientistas que tinham ido embora no helicóptero — não estão mais aqui. Isso significa que nossas ordens originais, de levar nossos companheiros civis à professora Guyer, são as mais atuais. Não vamos conseguir levar Espingarda e Gordon até o USS *Elsie Downs*.

Kim ouviu Joe Branquelo murmurar baixinho:

— Não sem um helicóptero.

— Então, enquanto isso, nosso objetivo principal vai ser proteger esses civis. Eles foram classificados como recursos valiosos, e vamos continuar agindo assim, priorizando a segurança deles acima de tudo. E, considerando o receio de que Washington seja um possível alvo de ataque, decidi que vamos sair.

Apesar de afirmar que a decisão era dele, Kim viu os olhos de Rodriguez dançarem na direção de Espingarda e Gordon.

— Para onde?

Kim não viu quem tinha perguntado, mas não queria saber. O importante era que eles iriam embora.

— Ilha de Chincoteague, Virgínia — disse Rodriguez.

O lugar não tinha nenhuma importância em escala nacional, mas seria bom para eles esperarem. Ficava longe de Washington, mas bem de frente para o mar. Assim, se conseguissem restabelecer contato e arrumar um helicóptero, estariam um pouco mais perto da segurança dos porta-aviões. Enquanto Rodriguez contava o plano, Kim viu os colegas fuzileiros olhando para as outras tropas ali em volta, mas ninguém mais parecia estar pensando em ir embora. Kim não se importava. Desde que eles dessem o fora, já estava bom.

Rodriguez lidou com a situação do melhor jeito possível. Deu ordens para todo mundo, e ficou claro que, mesmo que Teddie não fizesse parte do grupo original, ela agora se incluía no guarda-chuva “recursos valiosos” junto com Gordon, Espingarda e aquela caixinha engraçada deles. Enquanto os fuzileiros começavam a se preparar para pegar a estrada, Kim tentou sondar o resto do pelotão. Até onde conseguiu ver, Joe Branquelo foi o único outro fuzileiro a perceber que Espingarda e Gordon tinham tomado a decisão por Rodriguez.

Eles não tinham Hummers nem veículos táticos leves — VTLs —, então confiscaram carros civis no estacionamento do NIH e arredores. Por acaso, com o histórico de delinquente juvenil do soldado Elroy Trotter e a habilidade de Gordon e Espingarda com eletrônicos, não foi tão difícil fazer ligação direta em um punhado de utilitários e picapes. Alguns dos caras — só os caras, nenhuma mulher — resmungaram que era uma pena não pegar “emprestado” o Porsche 911 GT3 laranja deslumbrante que estava caprichosamente estacionado atravessando duas vagas.

— Qual é. Olha só para isto. É sexo sobre rodas — disse o soldado Hamitt Frank, apelidado de Punhos. — Sabe quanto custa um desses? — Punhos balançou a cabeça, os olhos caídos como os de um cachorro triste. — Completo assim? Tem freios de cerâmica, uma penca de coisa em fibra de carbono... — Ele parou de falar enquanto deslizava o dedo por cima do teto. Por um instante, Kim achou que os olhos dele estavam até marejados. — Duzentos mil dólares. No mínimo. E isso tudo está dando sopa aqui.

Mas Rodriguez tinha sido explícito: só veículos altos e com tração nas quatro rodas. A Força Aérea tinha mandado ver nas estradas e

pontes da Costa Oeste até a região central dos Estados Unidos. Até então, a Costa Leste estava praticamente ileso, mas isso não significava que a viagem seria tranquila. Rodriguez queria que eles fossem capazes de atravessar campos e subir calçadas, e de sair da estrada em caso de necessidade. Mesmo que não tivesse vindo de Rodriguez a ordem de se restringirem apenas a picapes e utilitários, Kim achava que era uma boa decisão. Além do mais, qual era o lance de garotos com carros chiques? Por ela, uma picape manevrava de dez a zero em qualquer conversível.

Ela acabou atrás do volante de uma Nissan Titan. A picape era um monstro, e ou era nova em folha ou o dono a tratava com um nível de carinho que Kim nunca havia recebido de nenhum namorado. Ela não sabia exatamente como a distribuição tinha sido feita, mas acabou ficando com os três civis na picape: Teddie na frente com a câmera, Espingarda atrás dela e Gordon atrás de Kim. Teddie tinha se oferecido para deixar Espingarda ir na frente, já que ele era muito mais alto, mas ele dissera que não tinha problema, bastava ela arrastar o banco para a frente.

— Foi bem discreto. Você encurralou o Rodriguez sem deixá-lo constrangido — disse Kim para Espingarda enquanto eles saíam do estacionamento. Ela olhou para ele pelo retrovisor.

— Não sei do que você está falando — disse ele, mas era nítido que sabia exatamente do que Kim estava falando.

Durante uma ou duas horas, ela basicamente ignorou os homens no banco de trás. Eles estavam conversando sobre giga-hertz e mega-hertz e ionização e frequência e ondas longas e ondas curtas e até propagação ionosférica, mas a essa altura já fazia muito tempo que ela havia perdido o fio da meada. Teddie conectou a filmadora

digital em um dos carregadores de doze volts do carro — Kim não entendia muito de câmeras, mas aquela parecia cara — e logo pegou no sono. Com isso, Kim ficou à vontade para sincronizar o próprio celular com o sistema de Bluetooth da picape e escutar a lista de rap das antigas que sua melhor amiga do ensino médio tinha montado.

O trabalho de dirigir quase a enlouqueceu. Rodriguez tinha dado ordem para que os oito veículos seguissem em formação cerrada, o que provavelmente não teria sido nada de mais, não fosse o trânsito. As estradas estavam entupidas. Parecia que todo mundo estava tentando entrar ou sair de Washington ao mesmo tempo. Eles se arrastavam por alguns minutos e depois aceleravam por cem metros, e aí paravam por cinco minutos inteiros. Quando aparecia uma brecha, o esforço de passar todos os oito utilitários e picapes juntos era desesperador. Quando Kim estava cantando ao som de “Rapper’s Delight”, do Sugarhill Gang, duas horas depois da saída do NIH, o comboio mal tinha viajado seis quilômetros.

O que a deixou particularmente irritada com o pedido de Espingarda.

— Ou um Walmart — disse ele. — Na verdade, o ideal seria uma Radio Shack, mas, a menos que por algum milagre o seu celular esteja funcionando e possamos descobrir onde fica a Radio Shack mais próxima, é melhor acharmos uma loja grande de informática.

— Mas pode ser um Walmart mesmo, se não acharmos uma loja de eletrônicos ou uma Radio Shack — acrescentou Gordon.

— Mas eu preferiria uma Radio Shack.

— Você por acaso sabe onde fica a Radio Shack mais próxima? Ou um Walmart? — perguntou Kim.

— Não. — Espingarda parecia deprimido. — Nós dois temos telefones via satélite, mas nada de internet. Mensagem de texto, sim. E acho que deve dar para fazer chamadas de voz. Mas o Google nos abandonou.

Quase de brincadeira, Kim tentou o próprio celular. Ela não se lembrava da última vez que tinha conseguido sinal, e não sabia se era porque a rede estava sobrecarregada ou por causa daquela coisa pavorosa de jogar bombas atômicas nas aranhas. Mas, quando ela abriu o aplicativo de mapas e digitou *Radio Shack*, na mesma hora apareceu um endereço a poucas quadras de onde eles estavam. Teddie, que tinha acabado de acordar, agarrou o telefone, mas, antes que conseguisse fazer uma ligação, o sinal morreu.

— Não tem importância — disse Espingarda. — Deu para dar uma boa olhada no mapa. Eu consigo levar a gente lá.

Kim lançou um olhar para Teddie, com receio de que ela fosse começar a chorar, mas a garota parecia firme. Achou que ela parecia bem forte para uma branca rica de Oberlin, mas sabia que não tinha moral para julgar. Kim podia ter aparência de durona para algumas pessoas, por ser negra e sarada, mas a mãe era pediatra oncologista e o pai dava aula de história em uma escola particular chique. A infância dela não tinha sido exatamente difícil.

— Tenho ordens de seguir com o pelotão — disse Kim. — Não dá para escapular até uma Radio Shack.

— Precisamos — disse Espingarda.

— Sinto muito. Ordens.

Ela sentiu a mão de Gordon no alto de seu banco, e então ele se inclinou para a frente para chegar perto. A voz dele estava calma e

simpática, e ela tinha que reconhecer que ele não era burro a ponto de achar que subir o tom seria uma boa estratégia de retórica.

— Kim — disse ele —, pense bem. O único motivo para estarmos aqui, nesta picape, é que alguém muito, muito importante acha que a gente, ou melhor, Espingarda, é muito, muito importante. Importante o bastante para mandarem seu pelotão inteiro ir nos achar lá em Desperation, Califórnia, e depois ficar de babá por todo o caminho de lá até a Costa Leste. Importante o bastante para designar soldados...

— Fuzileiros.

— Desculpe. Fuzileiros. Importante o bastante, durante uma emergência nacional, para designar fuzileiros, designar aviões e helicópteros e um monte de energia, para trazer Espingarda até a professora Guyer, que, até onde me consta, é a mulher encarregada pela presidente Pilgrim em pessoa de descobrir que merda está acontecendo com essas aranhas. E, quando decidimos que precisávamos sair da região de Washington, seu pelotão todo veio junto para garantir a nossa segurança. — Ele encostou de leve no braço de Kim. — Então pense nisso tudo e pense que esse mesmo cara está dizendo que precisa fazer um pequeno desvio. É coisa de minutos. Não é para comprar bala. Não *queremos* fazer uma parada, *precisamos* fazer uma parada.

— Precisamos ir para uma Radio Shack?

A voz de Espingarda foi menos gentil. Não de raiva, mas impaciência. Urgência.

— Tenho que comprar umas peças para fazer umas modificações importantes no ST11.

— Essa sua arma?

— É. Bom, não. As modificações são para isso. Ele não vai ser exatamente uma arma. Vai ser uma ferramenta. Mas a ferramenta pode servir de arma.

O trânsito tinha parado de novo. Eles haviam saído da 495 imaginando que as vias urbanas seriam mais rápidas, mas ali também estava uma confusão danada. A Nissan Titan encabeçava o comboio, mas isso não ajudava a dar a impressão de que eles estavam indo mais rápido. Kim se virou para olhar pelo para-brisa traseiro o utilitário de trás, um Ford dirigido por Sue Chirp. Ela ergueu a mão para cumprimentar, e Sue retribuiu o aceno. Atrás de Sue, Kim viu a carroceria prateada da picape de Joe Branquelo. Ela não conseguia ver direito os outros veículos, mas sabia que Rodriguez estava por último, fechando a retaguarda.

Droga.

— Certo — disse ela, virando-se para Espingarda e depois para Gordon. — Tudo bem. Vamos para a Radio Shack.

— Sério? — Gordon parecia tão surpreso que Kim chegou a dar risada. — Só isso? Nós vamos?

— Se você está dizendo que é necessário, que *precisamos* fazer isso... — Ela se virou para a frente de novo. O carro adiante não tinha andado nem um centímetro. Ela encurvou as costas e apoiou a cabeça no volante. — Meu Deus. Qualquer coisa para sair deste engarrafamento por um minuto. Além do mais, eu posso ser fuzileira, mas minha bexiga ainda é de civil, e já faz duas horas.

— Ótimo — disse Espingarda, juntando as mãos. — Saia à direita aqui. Podemos atravessar esse estacionamento, e depois devem ser só mais algumas quadras. Acho que dá para ver o shopping daqui.



Kim balançou a cabeça, mas virou o volante para a direita e acelerou para fazer a picape subir o meio-fio. Eles se sacudiram dentro da cabine quando a Titan avançou pela grama e pela calçada e saiu para o estacionamento. Ela olhou no retrovisor e, claro, a fileira de utilitários e picapes a seguiu, todos os fuzileiros se comportando como bons patinhos.

Gordon falou de novo.

— Você não vai nem perguntar por que temos que ir especificamente à Radio Shack? Quais são as modificações para o ST11?

Kim pensou por um instante, tentando se lembrar dos fragmentos da conversa que tinha escutado entre os dois homens.

— Tem alguma coisa a ver com propagação ionosférica?

Gordon ficou tão empolgado que as palavras pularam de sua boca.

— É! Quer dizer, não exatamente, mas só precisamos soldar...

— Gordon — disse ela, interrompendo-o. — Respondendo à sua pergunta: não, não vou perguntar quais são as modificações. Olha, eu sou inteligente. Eu era boa aluna, e meus pais ficaram bem furiosos por eu ter me alistado em vez de ter ido para Vassar...

— Você passou para Vassar?

— Passei para Vassar. Passei também para Colgate e Hamilton College. Você sabe a dificuldade que foi convencer meus pais de que o melhor para mim era entrar para os fuzileiros? Ah, pelo amor de Deus. A questão não é essa. A questão é que sou inteligente. Embora eu tenha bastante certeza de que vou entender, se você me explicar o que “propagação ionosférica” significa e por que isso é

importante, agora meu objetivo é só levar vocês até a Radio Shack. Tudo bem?

Ela parou na saída do estacionamento, conferindo para ver se eles podiam virar. A rua ali estava deslumbrantemente vazia, como se todas as pessoas da região estivessem ocupadas entupindo as rodovias e a rua de onde eles tinham acabado de sair. Ela sabia que era uma ilusão — que assim que tentassem sair da cidade as coisas ficariam lentas de novo —, mas, naquele momento, era bom dirigir a uma velocidade mais normal.

— Que tal entrarmos e sairmos da Radio Shack e voltarmos para a estrada? Mesmo sem esse pequeno desvio, ainda faltam uns duzentos e setenta quilômetros até Chincoteague — disse ela. — Vocês podem me explicar o que pretendem fazer com esse seu brinquedinho no caminho.

## USS *Elsie Downs*, oceano Atlântico

Os marinheiros eram invariavelmente educados. Manny imaginou que era preciso ser assim para viver confinado em um porta-aviões. Um oficial havia feito um rápido resumo das dimensões — o porta-aviões tinha mais de trezentos e trinta metros de comprimento, maior que três campos de futebol alinhados —, mas os números não eram nada. O USS *Elsie Downs* era uma cidade flutuante. Os porta-aviões mais antigos da classe *Nimitz* demandavam tripulações maiores, mas os novos superporta-aviões da classe *Ford* geralmente precisavam de menos gente. No entanto, em condições normais, isso ainda significava quase quatro mil e quinhentos integrantes da Marinha dos Estados Unidos. Mesmo em um leviatã como aquele, era uma quantidade muito grande de marinheiros em um espaço apertado. Manny imaginava que não era tão ruim quanto um submarino, mas a educação parecia uma boa estratégia de sobrevivência.

Claro que as condições não eram normais. O USS *Elsie Downs* estava fazendo as vezes de Casa Branca. Em uma guerra convencional, a presidente Pilgrim teria sido levada para um bunker em algum lugar, mas uma fortaleza flutuante parecia uma decisão sensata. *Ou talvez não*, pensou Manny. Se as aranhas aparecessem ali, não haveria escapatória.

Ele balançou a cabeça. Estava procurando pelo em ovo. Por enquanto, aquele era o lugar mais seguro possível. Ele parou na frente do camarote da presidente. Havia dois agentes do Serviço Secreto na porta, e Manny sorriu. Eles estavam mesmo esperando um atentado contra a vida dela ali, dentro de um porta-aviões?

— Bom dia, rapazes — disse ele. Não sabia o nome do cara branco, mas era difícil esquecer o outro, o agente especial Tommy Riggs. Particularmente ali, ele parecia desproporcional. Manny tentou imaginar quantas vezes Riggs já havia batido a cabeça em batentes de portas desde que eles subiram a bordo do USS *Elsie Downs*. — Ela está acordada?

— Só para avisar — disse Riggs —, ela está de mau humor.

Manny assentiu com a cabeça, respirou fundo e bateu na porta.

George Hitchens, o primeiro-maridão, abriu um pouco a porta e deu uma espiada para fora. O sujeito era gente boa, e Manny gostava sinceramente dele. George era acolhedor e simpático quando a situação demandava, mas não precisava ser o centro das atenções, como a maioria dos políticos. Era o cônjuge ideal na política: educado e polido, mas também, de alguma forma, indiscutivelmente discreto. Só aparecia nos jornais em cerimônias de inauguração e ações de caridade, em visitas a orfanatos e hospitais de veteranos. O máximo de polêmica que já havia provocado era sua insistência, como texano de raiz, em usar um chapéu de caubói sempre que a ocasião permitia.

Mas já fazia muito tempo que George e a presidente Stephanie Pilgrim não estavam mais apaixonados. O que não significava que eles não se amavam. Os dois se davam muito bem. Só não estavam *apaixonados*. Manny, que tinha mais intimidade com a presidente

do que qualquer outro ser humano — incluindo o marido dela —, nunca os vira brigar, nem escutara Steph falar mal dele. E, embora tivesse certeza de que George sabia que ele e Steph mantinham havia décadas um romance de idas e vindas, desde que Manny se separara da esposa, Melanie, George nunca havia demonstrado nada. Houve um tempo em que um dos grandes receios políticos de Manny era que George se cansasse do casamento, mas o homem permanecera leal. Incrivelmente.

— Manny — disse George, balançando a cabeça.

Ele abriu a porta toda. Era o camarote do comandante, grande em termos de acomodação a bordo de um navio. Muito maior que o de Manny, que teria sido considerado pequeno até mesmo em comparação com um banheiro de Nova York. Claro, Steph era a presidente, e ele era só o chefe de gabinete da Casa Branca, e eles estavam em um porta-aviões, e aranhas estavam comendo gente, e bombas atômicas estavam caindo, então Manny não queria criar caso por causa disso.

Depois de lançar uma olhada para o agente especial Riggs, George sussurrou:

— Tommy já comentou com você?

Manny também abaixou a voz.

— Ele disse que ela está um pouco mal-humorada.

George fez uma careta.

— É por aí. Tenho certeza de que, se eu recorresse às minhas origens texanas, conseguiria pensar em uma expressão coloquial ótima relacionada a cascavéis ou algo do tipo, mas é. Esteja avisado.

— Infelizmente, temos que trabalhar — disse Manny, entrando no camarote.

Manny ficou em choque. Ele tinha imaginado que veria Steph frenética e furiosa, mas ela estava sentada na cama. Tinha os cotovelos apoiados nos joelhos, e as mãos sustentavam a cabeça. Ela estava olhando para o chão. A impressão de Manny foi que ela parecia derrotada.

Ele se virou para George.

— Hum, ei, você se incomoda...

— Sem problema — disse George. — Eu estava pensando em ir até o refeitório e tomar café da manhã. Meia hora dá tempo?

Manny fez que sim e fechou a porta depois de George sair. Atravessou o camarote, parou na frente de Steph, hesitou, e então sentou-se ao lado dela. Passou o braço em volta de seu ombro, mas ela permaneceu rígida, e isso o deixou preocupado.

Não era a Stephanie que ele conhecia. Ela havia ficado arrasada depois da única eleição que não vencera, tendo perdido a vaga para o Senado por meros mil e quinhentos votos. Pior ainda, o mais triste que ele a vira tinha sido depois do segundo aborto espontâneo, quando os médicos disseram que ela e George deviam parar de tentar, e Manny achava que tinha sido nesse momento que o casamento dela com George realmente havia deixado de ter a ver com amor. Embora nas duas ocasiões ela tivesse ficado arrasada — ela chorara muito em particular, por mais que parecesse bem em público —, ele nunca a vira daquele jeito. Derrotada.

Quebrada.

A voz dela estava vazia.

— Não consigo. Não posso ir à reunião. Passei a vida inteira lutando contra a pressuposição de que, por ser mulher, eu não tinha força para ser presidente. E consegui. Encarei todas as hipocrisias e todas as palhaçadas dos caras velhos que achavam que me subestimar era uma boa estratégia. Tomei decisões difíceis como governadora e como senadora, e tomei decisões difíceis desde que virei presidente. Mas não consigo, Manny. Meu Deus, já foi ruim ativar o Protocolo Espanhol, explodir nossas estradas e pontes, estraçalhar o país todo. Mas bombardear nossas próprias cidades? Os militares podem usar a palavra “tática” à vontade, mas, no fim das contas, eu dei a ordem para usar bombas nucleares em nosso próprio território. Denver. Chicago. Minneapolis. Quantos milhões de pessoas morreram por causa da minha ordem? Quantos milhões de pessoas eu salvei? Eu tomei a decisão certa, Manny? Não sei. Só sei que praticamente já estourei o limite desse cartão.

Manny não falou nada. Ela tinha razão. Os danos das bombas nucleares eram incalculáveis. Havia sido uma decisão quase impossível. Era como o tratamento contra um câncer agressivo. Se nada fosse feito, o paciente morria. Mas, com uma quimioterapia pesada, as substâncias do regime quimioterápico poderiam ser mais mortíferas para o paciente do que o câncer em si. O mesmo valia para as bombas nucleares. Era o jeito mais rápido de destruir e refrear as aranhas nos lugares onde já se sabia — ou se achava — que havia infestação e surtos, mas a que custo.

Eles tinham tentado ser cuidadosos. Tinham mesmo. Havia maneiras de usar armamento nuclear de modo a maximizar os danos de longo prazo — era possível irradiar uma região além de qualquer possibilidade de redenção —, mas eles se esforçaram para

evitar isso. Os ataques foram táticos. Embora não existisse uma forma “segura” de usar bombas nucleares, as Forças Armadas haviam feito de tudo para minimizar a dispersão de partículas radioativas. Ainda assim, o consenso científico era de que eles já estavam forçando a barra. *Continuar* o uso de bombas atômicas era empurrar o país para além do ponto sem retorno. Se as aranhas eram um câncer, bom, eles teriam que deixar o câncer seguir o curso natural. Havia algumas pessoas nas Forças Armadas insistindo muito para que Steph adotasse uma política de terra arrasada — Ben Broussard, o desgraçado chefe do Estado-Maior Conjunto, tinha retomado a postura de filho da puta teimoso — e destruísse todas as aranhas a qualquer preço.

— De que adiantou, Manny? Você acha que Broussard tem razão? — perguntou Steph. — Não foi suficiente?

Os dois ficaram em silêncio. Ele sabia que ela não queria uma resposta. Broussard vinha martelando a mesma tecla sem parar. Ele tinha dado um pouco de trégua na semana anterior, com a autorização do Protocolo Espanhol, e se comportado com Steph para conseguir o que queria. Mas ele estava tentando distribuir a culpa. Agora estava dizendo que teria sido possível evitar grande parte dos danos causados pelas aranhas se Steph tivesse agido de forma mais agressiva desde o começo. Se ela tivesse partido para as bombas nucleares no instante em que as aranhas chegaram ao litoral de Los Angeles. Broussard falava sem parar que, se ela tivesse feito isso, o país teria ficado em segurança.

Os dois estavam quietos, porque era possível que Broussard tivesse razão.



Manny havia sido consumido por essa ideia desde que eles tinham chegado ao USS *Elsie Downs*. E se assim que aquele cargueiro batera no porto de Los Angeles — assim que eles souberam das aranhas soltas por lá — eles tivessem varrido a cidade inteira do mapa? Era um exercício terrível ficar se questionando daquele jeito. Engenheiro de obras prontas. Era uma loucura. Era impossível. Na hora, não tinha como eles saberem a gravidade da situação, não tinha como eles saberem, naquele momento, o que precisava ser feito.

Steph rompeu o silêncio.

— É tarde demais para mudar qualquer coisa. Broussard pode falar à vontade. É só garganta. Eu sei. É tudo manobra dele para não levar a culpa. — Ela deu uma risada breve, amargurada. — Sempre tem política, não é? Até agora, no meio de uma crise existencial, tem política.

— Você precisa deixar que nós, humanos, tenhamos pelo menos isso — disse Manny. — Nada pode nos salvar de nós mesmos. Talvez, com tempo...

— Tempo! — ela cuspiu a palavra, interrompendo-o, e depois voltou a abaixar a voz. — Meu Deus. Quem dera houvesse tempo. Sua ex-esposa me falou que, se eu puder dar só três, quatro dias, ela acha que consegue uma resposta. Ou, usando as palavras de Melanie, “algo perto de uma resposta”. Alguma coisa que vá nos ajudar a sobreviver sem nos matarmos. Caso contrário, de que adianta? De que adianta contra-atacar se para isso vamos nos matar mais rápido do que as aranhas? Três ou quatro dias. Você acha que temos três ou quatro dias, Manny? Acha?

Ele queria dizer que sim, claro, que ela só precisava confiar em Melanie — a genial e batalhadora Melanie —, e que tudo ficaria bem; mas ele não sabia, e foi o que respondeu.

— É, eu também não. — Steph se mexeu um pouco. — Mas tenho que entrar naquela sala de reuniões e tentar vender essa ideia para um bando de estrelados, tentar convencer aquele povo todo de que o melhor que podemos fazer agora é esperar. Vou ter que rebater Broussard, que acha que nossa única opção é continuar jogando bomba, e vou ter que falar “Confie em mim”. Não sei nem se eu confio em mim mesma, Manny. Todo mundo está me esperando lá naquela sala, e, quando eu entrar, eles todos vão se levantar e me chamar de senhora presidente e vão esperar que eu saiba o que estou fazendo. Mas eu não sei mais. Não sei. Talvez Broussard tenha razão. E se a gente for em frente e jogar todas aquelas bombas? A humanidade não vai sobreviver, mas pelo menos vamos levar aqueles monstros junto.

— Você não acredita nisso a sério, não é?

— Não. Não acredito. Acho que precisamos ter esperança. Precisamos nos dar uma chance de sobrevivência. Precisamos...

Ela parou. O camarote estava tão silencioso quanto o resto do porta-aviões, ou seja, ainda havia um ronco persistente de energia abaixo e à volta deles. O USS *Elsie Downs* não estava em movimento, mas ele nunca ficava absolutamente imóvel no vasto oceano, e por isso nunca fazia silêncio de verdade a bordo. Era o mesmo murmúrio que se ouvia em lugares no meio da natureza, mas que tinham instalação elétrica. A estática do engenho humano.

Manny havia mantido o braço em volta do ombro de Steph, e finalmente ela relaxou. Ele se deu conta de que ela estava

chorando. Nada dramático. Não era o estilo dela. Só um gemido fraco e o peito se sacudindo. Ela aninhou a cabeça no peito de Manny.

Havia momentos em que ele se perguntava se os dois deviam ter se casado. Embora Steph fosse três anos mais velha, eles tinham namorado durante a faculdade e algumas outras vezes — bom, talvez *namorado* não fosse a palavra certa, mas eles passavam muito tempo juntos — ao longo de todos os anos desde então.

Será que ela sabia que ele tinha pensado nisso? Que havia considerado pedi-la em casamento? Talvez ela tivesse rido de Manny ajoelhado e oferecendo uma aliança dentro de uma caixa forrada de veludo, mas, durante alguns meses, antes de ela começar a namorar George, antes de Manny conhecer Melanie, a ideia havia parecido boa. E talvez, se eles tivessem sido pessoas diferentes, se os dois não tivessem estado tão engajados na política e de olho no sucesso, ele poderia ter pedido e ela poderia ter aceitado. Talvez então bastasse para os dois terem um ao outro, talvez bastasse se o mundo e a vida inteira deles girassem em torno de uma vida juntos. Talvez pudessem ter dispensado o poder e a política, as concessões que haviam feito para subir até a Casa Branca. Talvez tivessem sido felizes com uma vida menor, sonhos menores, preenchendo as lacunas com o amor. Só que ele sabia, mesmo naquela época, aos vinte e poucos anos, que a ideia era uma miragem: se eles fossem pessoas diferentes, se fossem o tipo de gente capaz de encontrar a felicidade em algo tão simples, nunca teriam sequer ficado juntos.

Mas lá estavam, depois de tantos anos juntos, e o que ele precisava fazer não tinha nada a ver com poder. Não tinha nada a ver com o fato de Stephanie ser presidente. Tinha a ver com um

homem, uma mulher. Tinha a ver com o amor que ele sentia por ela preenchendo as lacunas.

Então ele a segurou por mais alguns minutos. Seu corpo virado para o dela, seus braços a envolvendo como um cobertor, deixando-a chorar junto do peito, balançando só um pouquinho.

E então, quando o choro diminuiu, ele fez o que os dois vinham fazendo juntos havia muito tempo. Ele fez questão de lembrá-la de que ela não era só a garota do alojamento da faculdade.

— Certo — disse ele. — Já passou. Você vai lavar o rosto e arrumar a maquiagem, e então você vai entrar naquela sala e vai ser Stephanie Pilgrim, presidente dos Estados Unidos da América.

Ela enxugou as lágrimas e, depois, chegou até a dar risada.

— Eu sei. Eu sei. Não precisa me dizer. Mas você é a única pessoa com quem eu posso fazer isso. Não vou começar a chorar na frente de Billy Cannon ou, Deus me livre, Ben Broussard, não é? Broussard já acha que eu não dou conta. Ele está esperando, à procura de qualquer sinal de fraqueza, qualquer abertura para dar o bote. Não importa o que eu faça. Nenhuma ação minha jamais vai ser o suficiente para ele e o resto dos militares. E se eu começar a chorar? Eles querem agir, mesmo se isso for equivalente a destruir nossa chance de sobrevivência. Eles só conseguem pensar em vencer, a qualquer custo. Qual é o problema daqueles caras de farda? Alguns entendem que existe opção. Billy Cannon entende. Mas a maioria? Como era aquele ditado? Para um martelo, tudo é prego. — Ela riu de novo, e por trás da risada havia a sombra de um soluço. Ela se levantou, alisou a saia, colocou a barra da camisa para dentro. — Ninguém disse que seria fácil, não é? Ninguém disse que seria fácil ser presidente.

— Não — respondeu Manny. Ele se levantou também, foi até a escrivaninha e pegou o tablet dela. — Ninguém disse que seria fácil. Se você ainda não leu os relatórios, eu faço um resumo no caminho para a reunião.

Ela entrou no banheiro e começou a retocar a maquiagem.

— Ninguém disse que seria fácil, mas também não disseram que eu teria que lidar com um surto de aranhas ensandecidas. Que merda a gente faz, Manny?

— Não sei, não sei mesmo. Mas sei que você nasceu para ser presidente.

— Para dar conta — disse ela.

— Para dar conta. — Manny começou a abrir a porta e parou. — Escuta, se você sentir que vai balançar, é só olhar para mim. Olhe para mim e saiba que estou do seu lado.

A presidente saiu do banheiro e o encarou. Qualquer que fosse o vazio, qualquer que fosse a fragilidade que ela havia demonstrado, nada disso estava mais ali.

— Assim que sairmos deste cômodo, você não vai precisar se preocupar mais comigo. Quem sou eu, Manny?

Ele se endireitou.

— Você é a presidente dos Estados Unidos da América.

— Eu sou a presidente, droga — disse ela. — Agora vamos trabalhar.

Ele quase ouviu os próprios calcanhares batendo ao responder:

— Sim, senhora.

*Essa era a Stephanie Pilgrim para quem ele adorava trabalhar.*

## Universidade de Osaka, Osaka, Japão

Koji tinha certeza de que se sentiria muito mais à vontade se estivesse com suas roupas normais de laboratório: calça cáqui, camisa e jaleco. O traje de isolamento era horrível e dificultava a manipulação dos espécimes, mas ele não ia se arriscar. Tinha avançado aos tropeços por um templo budista infestado de aranhas na província de Shinjin, mas saíra vivo. Os cientistas que haviam tentado entrar com roupas normais, não. Portanto, ele continuaria usando o traje de isolamento enquanto estivesse no mesmo cômodo que aqueles monstros.

Contudo, isso significava que a quantidade de tempo que conseguia ficar no laboratório era limitada, e ele precisava passar por toda a série de portas e procedimentos que haviam sido implementados para garantir que nenhuma das aranhas escapasse. Era um pouco ridículo todo aquele trabalho para entrar e sair do laboratório, e ele sabia que era um comentário peculiar vindo de um cientista que ainda tinha pesadelos com os vinte minutos passados dentro do templo e que insistia em usar um traje de isolamento mesmo com todas as aranhas dentro de insetários, presas em segurança atrás de vidros. Mesmo quando ele tirou uma única aranha, eram tantas precauções que a probabilidade de ocorrer algum problema era muito baixa...

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*



## Lago Soot, Minnesota

Mike olhou para a escada sem muita confiança. Rich Dawson, o marido de sua ex-esposa, não era o tipo de cara que cuidava dos próprios reparos. Isso provavelmente era o pior que Mike tinha a dizer sobre ele — bom, isso e o fato de que o cara era um advogado criminalista de defesa —, mas o resultado era que o barraco velho nos fundos estava cheio de ferramentas descartadas e sucatas que tinham a mesma idade da cabana de Dawson. Depois da tempestade na noite anterior, alguém precisava consertar a calha. Infelizmente, acabou sobrando para Mike. Ele mesmo não era particularmente hábil, mas seu parceiro, Lashaun, se livrou graças ao fato de que tinha levado um tiro recentemente. O músculo do braço, onde a bala tinha atravessado de fora a fora, estava cicatrizando bem, mas ele também havia fraturado algumas costelas quando o colete segurou outra bala, e essas estavam incomodando.

Por isso, era Mike que estava olhando para a escada extensível de alumínio velha e instável. Ela ficava pendurada em um par de ganchos enferrujados do lado de fora do barraco. A escada estava manchada de tinta, e, quando ele a pegou, recebeu uma chuva de terra e agulhas de pinheiro. Mike tinha imaginado que ela pareceria mais robusta, mas era estranhamente leve, e, quando ele a cravou na terra ao lado da cabana, a escada deu uma balançada sinistra e

*image  
not  
available*

Consertar a calha, cobrir as janelas — isso tudo era só um paliativo. Ele tinha certeza de que se abrigarem ali dentro da cabana não era uma boa solução a longo prazo. Quanto tempo poderiam ficar ali? Até que ponto a radiação seria excessiva? Para ele? Para sua ex-esposa, que estava grávida? Para Annie? E, mesmo se ele soubesse as respostas, não tinha nenhuma forma de mensurar a exposição.

Mike terminou de fixar a calha e se deu conta de que talvez o fato de não saber já era uma resposta. Ele não tinha um contador Geiger, não podia consultar nenhum especialista. Sua única referência era a intuição, e a intuição estava dizendo que era hora de dar no pé. O conserto da calha na bela cabana de Dawson, com janelas maineladas e ripas de cedro, com a varanda que tinha vários patamares até dar no atracadouro, havia sido uma perda de tempo. Tudo havia sido perda de tempo. Eles não tinham como ficar em segurança se continuassem naquele lugar.

Não havia resposta certa, nem sobre as aranhas, nem sobre a destruição intencional dos Estados Unidos como medida de defesa, mas não dava para ficar ali. Assim que Minneapolis tinha virado um cogumelo radioativo, ele precisava ter levado a filha — todo mundo — até uma distância segura.

Se é que isso existia. Algum lugar era seguro?

Mas eles podiam ir para o leste. As estradas estavam destruídas, o mundo, pegando fogo — e quem sabia se as aranhas voltariam para mais um banquete —, mas eles podiam ir para o leste. Até onde sabiam, a Costa Leste ainda estava intacta. Mike imaginava que, se conseguissem ir de Minneapolis para a Costa Leste, estariam seguros.

*image  
not  
available*

responsável. Aqueles cinco mil homens, mulheres e crianças esperavam que ele os salvasse, e, por Deus, queria salvá-los.

Quando se aproximaram da periferia de Kearney, depois de quase oitenta quilômetros de caminhada, ele decidira dar um ou dois dias de descanso para seus seguidores. Eles invadiram a escola, puseram voluntários na cantina para cozinhar, e as pessoas comeram em turnos. Bobby havia encarregado seus discípulos — as pessoas nos doze primeiros veículos que se juntaram à caravana haviam começado a se autointitular os doze discípulos — de organizar grupos para procurar roupas e comida. Eles praticamente limparam o Walmart e o Hy-Vee. Kearney tinha sido uma trégua necessária, mas o lugar não proporcionaria mais consolo. Sem consolo, sem sustento, só a promessa de uma lenta miséria se eles ficassem. E talvez fosse uma lenta miséria se eles seguissem em frente, mas pelo menos assim havia a esperança de acharem algo bom. O povo israelita não tinha vagado por quarenta anos no deserto até chegar à terra prometida? E o profeta Bobby Higgs não era uma espécie de Moisés?

Ele havia acabado de decidir que partiriam na manhã seguinte, marchando para sabe-se lá onde, mas em frente, em frente, em frente, quando ouviu a voz no rádio de ondas curtas: Macer Dickson.

Macer.

O homem que, após a primeira onda de aranhas devorar Los Angeles, tinha ajudado a transformar Bobby no profeta Bobby Higgs. O homem que tinha orquestrado a quebra da quarentena. O homem que tinha largado Bobby no acostamento. Abandonado. Sozinho.

*image  
not  
available*

dava para pedir entrada, prato principal e sobremesa por menos de vinte dólares, com porções tão grandes que as sobras rendiam almoço para vários dias.

Ele havia se conformado a aproveitar como pudesse, ciente de que seria só por alguns anos. Mas, depois de três anos, que viraram seis, sua missão foi estendida de novo. Mesmo assim, haviam lhe falado que no outono seguinte ele finalmente, finalmente, finalmente seria transferido, e ficara implícito que seria para um lugar que o deixaria feliz. *Talvez*, pensou ele, *San Diego*.

E então vieram as aranhas, e pela primeira vez o padre Thomas ficou animado de estar em Pistol Gap.

Sabia que era uma vergonha, que não devia ficar feliz por estar afastado de perigos terrenos, enquanto tantos outros inocentes haviam morrido, mas ele ficou. Não era raro pessoas comuns esquecerem que padres como ele também eram homens. Carne e osso. Por maior que fosse sua fé, ele ainda não gostava da ideia de ser devorado por aranhas. Nem, se era para ser sincero, estava muito interessado em morrer na brancura quente e abrupta de uma bomba atômica, tampouco, aliás, na corrupção insidiosa e mais lenta da radiação nuclear. Dadas as circunstâncias, ele estava bem satisfeito de continuar vivo. Mas precisava acreditar que havia um *motivo* para ter continuado vivo, um motivo para que dezenas de milhões de pessoas tivessem perecido enquanto ele, o padre Thomas, ainda permanecia ali em Pistol Gap, Ohio, celebrando a missa na Nossa Senhora da Misericórdia, ouvindo confissões, visitando os enfermos e idosos da comunidade.

E foi por isso que ele ficou cheio de culpa quando sua primeira reação foi se afastar daquele mendigo.

*image  
not  
available*



## Invercargill, Nova Zelândia

Felicia Belling entendia o conceito de que aquela situação toda com as aranhas era ruim, mas ela tinha só onze anos, então sua capacidade de racionalização de desastres era limitada. Seus pais tinham tomado muito cuidado para que ela não visse nenhum vídeo ou noticiário. Uma das amigas da escola, Crystal, tinha ido passar um tempo na casa dela, e a garota tinha um vídeo curto e pixelado no celular, mas estava sem som e só aparecia uma pessoa coberta de pontinhos pretos correndo de um lado para o outro. Isso não as impediu de falar sem parar sobre o assunto, e, pelo jeito como os pais estavam se comportando e pelo que eles lhe contaram — já fazia semanas que a escola estava fechada, e Felicia tinha virado praticamente uma prisioneira em casa! —, a situação não estava nada boa. Mas ainda assim. Será que estava tão ruim mesmo? Não havia nenhum sinal de que aquelas aranhas tivessem chegado à Nova Zelândia. Será que as pessoas não estavam exagerando um pouquinho?

Não, para Felicia Belling isso tudo era só um grande aborrecimento.

*image  
not  
available*

Haaf —, mas também concentrados em resolver um quebra-cabeça. De vez em quando, Melanie esquecia o *porquê* daquela pesquisa e se empolgava com o puro interesse intelectual pelo trabalho. Como as aranhas procriavam tão rápido? Como coordenavam os ciclos de eclosão? Por que algumas pessoas eram devoradas até o osso pelas infestações de aranhas e outras eram poupadas? Como que, quando uma aranha entrava no corpo de uma pessoa para pôr ovos, a ferida se fechava quase em seguida? E como, principalmente, os humanos poderiam contra-atacar?

O mais incrível, e o que ela adorava na ciência, era que, apesar de toda a pressão, de todo o medo, eles estavam começando a achar respostas de verdade. Soluções. Esperança. No laboratório, Laura e Mike estavam na câmara de pressurização — o ambiente de vidro improvisado que, em tese, conteria a situação caso alguém cometesse um erro com um dos onze insetários —, preparando-se para separar uma única aranha para ser estudada. Eles haviam percebido que uma das aranhas tinha se isolado, e queriam dissecá-la para ver se possuía algum fator biológico que a diferenciava das demais. No outro canto do laboratório, Will tinha conseguido extrair veneno tanto das aranhas pretas comuns quanto das com listra vermelha nas costas. Ele estava usando uma pipeta para testar os dois tipos de veneno em amostras de borracha, para confirmar a eficácia de trajes de isolamento em ambientes infestados.

Melanie se virou para olhar no corredor se o marinheiro encarregado de levar o almoço para eles — ou seria o jantar? Ela havia perdido a noção do tempo — estava voltando e bateu a cabeça. De novo.

*image  
not  
available*

— Alguém pode fazer o favor de ver como está a nossa comida? E preciso que alguém traga café para mim e para a... dra. Yoo. E não o café do refeitório. Tragam daquele lugar chique. Eles sabem do que a gente gosta.

Um dos marinheiros saiu andando a um passo apertado, e Melanie entrou de novo no laboratório. Julie estava olhando para ela.

— *Dra. Yoo?* Você acabou de me chamar de *dra. Yoo?* Você me chamou de *srta.* Julie Yoo há, tipo, trinta segundos.

Melanie deu de ombros.

— Dane-se. Acho que, depois de tudo que já aconteceu, você merece o ph.D. — Ela se sentou de novo e puxou o notebook de Julie. — Então temos três tipos diferentes de aranhas-do-inferno. As pretas. Elas procriam e crescem a uma velocidade astronômica, e se esgotam com a mesma rapidez. Temos as de listra vermelha, que também nascem e crescem rápido pra caramba. E depois temos as extragrandes.

— As rainhas — disse Julie.

— O quê?

Julie desviou os olhos, constrangida.

— Desculpe. Eu estava considerando que essas eram rainhas. Bobagem.

— É. Não. Talvez — disse Melanie. — Não sei. Por que você estava chamando assim?

Julie soltou o cabelo, juntou-o de novo em um rabo de cavalo e o prendeu com o mesmo elástico. Pelo que Melanie viu, não tinha mudado nada.

*image  
not  
available*

importantes. Quer dizer, talvez não faça muito sentido pela perspectiva moderna, quando seis ou oito quilômetros não são muita coisa, mas, no passado, se alguém conseguisse liberar uma área de seis ou oito quilômetros em torno de algo, era um isolamento bastante eficaz.

Melanie sentiu que tudo estava se encaixando. Estava acompanhando Julie e saltando à frente. Ela se deu conta de que o segredo, o que Julie estava para dizer, era que havia um motivo que explicava por que as aranhas pareciam trabalhar juntas. Ela estava prestes a dizer isso, quebrando a promessa de não interromper mais, quando Julie falou.

— Você ouviu isso?

— O quê? — Melanie tentou escutar por um instante. Ela ouviu batidas e um som abafado do isolamento de vidro, e viu que Laura estava gesticulando com entusiasmo para elas. — Acho que eles acharam alguma coisa.

— Não — disse Julie. — Lá fora.

— Ah. A gritaria. É, parece que os militares estão nervosos por algum motivo.

— A gritaria não — disse Julie. — Preste atenção.

Então Melanie prestou. E, depois de um instante, arregalou os olhos.

— Isso é tiro?

*image  
not  
available*



## USS *Elsie Downs*, oceano Atlântico

Para um cara que se orgulhava de saber interpretar o clima, de prever a direção dos ventos políticos para poder ficar à frente da manada, Manny definitivamente tinha deixado essa passar. E doía. Literalmente. Em outras palavras: ele estava em um helicóptero, voando pelo oceano Atlântico, fugindo e recebendo cuidados médicos depois de ter levado um tiro. Tirando o ego ferido por não ter previsto aquilo, o ferimento físico de fato era bastante desagradável.

A agente Cutbert, a mulher do Serviço Secreto que o atendia, garantiu que, em termos de ferimentos à bala, aquele era leve — mas ainda era um ferimento à bala, e, na experiência muito limitada de Manny, que se restringia àquele ferimento específico, até um ferimento leve doía muito.

A situação tinha passado de normal para tensa e de tensa para tudo virando de pernas para o ar ao longo de um período que pareceu muito, muito curto.

Manny *tinha* reparado que havia mais assessores do que o normal dentro da sala de reuniões, mas aquela não era sua maior preocupação. A reunião daquela manhã tinha sido muito difícil. Um *monte* de gritaria. Desavenças acaloradas não eram algo tão incomum. Qualquer reunião com a presidente tinha certo grau de decoro, mas também havia certo grau de retórica inflamada.

*image  
not  
available*

meu Deus! — Ela se virou e apontou para um dos assessores. — Abra um mapa. Abra um mapa do país inteiro com longitude e latitude. Abra um mapa, cacete! — E, se Broussard estava quase aos gritos antes, Steph já estava muito além do quase. Ela berrava com Broussard.

Manny sentiu uma fagulha desagradável de estática no ar enquanto eles esperavam o assessor angustiado abrir um mapa na tela. Alguma coisa estava errada, mas ele não conseguia identificar exatamente o quê. Por que Broussard não parecia acuado depois de a comandante-chefe ter gritado com ele?

— Ali — disse a presidente, batendo um dedo na tela. — É disso que você está falando. Nova York. Isso é menos setenta e quatro graus. Você está sugerindo que a gente destrua tudo a oeste de Nova York. Olhe para aquele mapa. O que é que vai sobrar dos Estados Unidos se fizermos isso? Basta. Precisamos pegar as informações da dra. Guyer...

Broussard a interrompeu, um ato que, em tempos normais, teria sido quase inconcebível.

— Você se refere à esposa de Manny.

— Minha ex-esposa — disse Manny —, que, por acaso, é uma cientista genial que dedicou a carreira toda a estudar aranhas, e que está trabalhando com outros ph.Ds. que também dedicaram a carreira toda a estudar aranhas; então, a menos que seja muito difícil para você imaginar uma mulher com inteligência, que tal prestar um pouco de atenção?

Broussard lançou um olhar furioso para ele. A ira em seu rosto era tão transparente que Manny de repente ficou feliz por haver outras pessoas na sala. Não que Manny fosse covarde, mas ele *era*

*image  
not  
available*

Quando a cabeça de Alex caiu para trás, e uma nuvem vermelha se abriu como um guarda-chuva no meio da sala, uma luz brotou na ponta de uma das pistolas empunhadas pela mulher em pé ao lado de Broussard. Um dos agentes do Serviço Secreto à direita de Manny caiu para trás, e então veio a fagulha de tiros de resposta.

Caos.

Os homens e mulheres em volta de Broussard correram para se proteger. Manny caiu de volta na cadeira e rolou para longe de Broussard. Houve gritaria e tiroteio. Ele viu três pontos de sangue brotando com uma cor viva no peito do uniforme social de uma marinheira negra. Ela tinha cabelo curto e uma expressão de surpresa no rosto, como se o vermelho em seu peito fosse um buquê de flores, não sua vida acabando.

Manny bateu em uma mesa e girou de novo bem a tempo de ver um braço se esticar e puxar Steph pela parte de trás da gola, arrastando-a porta afora, e depois sentiu que estava sendo puxado também. Ele ficou pensando se teriam conseguido sair caso não estivessem sentados perto da porta. Queria acreditar que Broussard não pretendia matar a presidente, mas tinha certeza de que o homem não choraria se Manny fosse baleado.

Por acaso, ele *tinha* sido baleado. Não se dera conta enquanto fugiam pelo corredor, nem quando correram pelo convés de pouso até o helicóptero da presidente, o *Marine One*. Foi só a bordo do Sikorsky VH-92A, quando a agente Cutbert disse que ele estava sangrando, que Manny finalmente entendeu que tinha levado um tiro. Ele puxou a camisa para cima e viu um risco reto no lado direito do corpo. Estava alguns centímetros acima do quadril, na parte mais recheada do corpo. Enquanto Cutbert pegava um par de

*image  
not  
available*

— Nossa prioridade máxima é a segurança da presidente. Vocês podem precisar daqueles cientistas, mas não precisam ficar aqui.

Manny se sentiu paralisado. Steph tinha razão, e Tommy tinha razão. De que adiantava fugir de Broussard sem ter um plano melhor? Mas, se eles ficassem, que chance teriam de tirar Melanie e os outros cientistas dali antes que Broussard os alcançasse?

Talvez a solução de um problema fosse a solução do outro.

— Certo. Vamos decolar! — gritou ele acima do estrondo do rotor.

— Não, Manny...

Ele interrompeu Steph.

— Broussard vai nos deixar ir embora. Ele não precisa de você. E isso vai nos dar algum tempo. Você sabe tão bem quanto eu que, com a Operação SALVAGUARDA, não é tão fácil assim dar uma ordem para ataques nucleares não autorizados. Se você estiver fora desta banheira, vamos ter alguma chance de tirar Melanie. Mas se ficarmos e tentarmos agora? Bom, seria o mesmo que pedir a excelentes homens e mulheres que cometessem suicídio. Deve haver uns quatro mil ou cinco mil militares neste porta-aviões, e nós temos só uns vinte agentes do Serviço Secreto.

Stephanie hesitou, depois olhou para Billy.

— Quero saber como você descobriu sobre Mateus 5:45. Agora não... quando isto passar. Você acha mesmo que é a medida certa? Que eu deveria exercer isso? Porque, se você sabe o que é Mateus 5:45, também sabe que não tem volta.

— Acho, senhora.

— Mesmo sendo um militar e...

*image  
not  
available*



## Oxford, Mississippi

As mãos de Santiago estavam piores que tudo. Ele também tinha queimado as sobrancelhas, e sentia o corpo inteiro em carne viva, mas as mãos é que estavam de matar. A queimadura no antebraço provavelmente era mais grave — ele havia enfaixado a ferida porque não parava de brotar dela um líquido meio transparente —, mas era só tomar um pouco de cuidado para não esbarrar em lugar nenhum. Já para proteger as mãos não havia muito jeito. Ele tinha que trabalhar.

O fogo no fosso que ele tinha cavado em volta da propriedade ainda ardia, e de tempos em tempos ele vestia um par de luvas de trabalho nas mãos rosadas e inchadas e depositava mais lenha ou carvão na trincheira. Com sorte, se ele organizasse cuidadosamente o que restava, a vala poderia continuar queimando por mais um dia, talvez dois. E depois? Quem sabia?

O fogo já estava muito menor, quase contido, mas ainda bastava para manter as aranhas longe. Quando ele o acendera, com uma explosão enorme e arrasadora que devia ter sido vista do espaço, achou que só precisaria manter as aranhas longe por um período breve; a primeira leva de aranhas em Los Angeles e no resto do mundo tinha morrido bem rápido. Mas essas aranhas pareciam diferentes. Pareciam feitas para durar. Não havia muitas — pelo menos depois do massacre inicial da primeira noite —, mas elas

*image  
not  
available*

se pudesse fechar os olhos por dez ou quinze minutos durante a tarde, não precisava de mais de quatro horas de sono por noite —, mas o espelho não mentia. A esposa insistia que ele era um homem charmoso. Ela dizia que gostava do rosto grosseiro, mas ele brincava que só alpinistas viam graça no pico irregular de seu nariz.

Delicadamente, ele se abaixou e tocou no ombro de Oscar. O menino acordou rápido e pegou as luvas do pai. Nenhum dos dois falou nada, mas não era necessário, e Santiago também dava graças a Deus por isso. Um menino que prestava atenção no pai? Um menino que não reclamava? Um menino que assumia o manto injusto da responsabilidade, que entendia que havia coisas a serem feitas? Ter um menino assim, pensou Santiago, era um milagre. Não importava o que acontecesse à sua volta, ele sabia que um menino assim era sinal de que ele ainda morava em um mundo onde era preciso agradecer a Deus.

Ele viu Oscar abrir a porta dos fundos e fechá-la atrás de si e, então, olhou para as próprias mãos. Elas latejavam no mesmo ritmo de seu coração. O gerador era necessário para manter a geladeira ligada e impedir que os remédios da filha estragassem, mas a filha não era a única que podia usufruir dos benefícios da eletricidade, então, na cozinha, ele juntou as mãos em concha, pegou o máximo de gelo que conseguia segurar e despejou dentro de uma bacia grande de plástico cheia de água. Deixou o gelo derreter por alguns segundos, estalando e boiando, e então enfiou as mãos na água.

Dor.

Depois êxtase.

Dez minutos depois, tirou as mãos e enxugou-as com cuidado em uma toalha de prato, tentando encostar de leve, e então subiu para

*image  
not  
available*

*Faz anos desde que dei minha última aula de antropologia, mas seria um desserviço da minha parte não destacar que a tradição inuíte de mandar os idosos para morrer nas banquisas foi alvo de certo sensacionalismo. Isso acontecia de verdade? Sim. Era comum? Não. Definitivamente não nos últimos cento e poucos anos. Mas, no fundo, ainda sou uma acadêmica, então é difícil não me apaixonar por uma ideia bonita. De determinado ponto de vista, pode parecer brutal: despachar uma idosa para morrer sozinha? Mas, vendo por outro lado, é um ato generoso de amor: aquela idosa decidiu ir embora e morrer sozinha porque sabe que os recursos são escassos. Que última ação seria mais gloriosa do que libertarmos as pessoas que amamos do fardo de cuidarem de nós?*

*A última coisa que eu desejo é ser um fardo para vocês. Não suporto a ideia de que eu talvez esteja tirando comida da boca de sua família.*

*Espero que você compreenda, Santiago.*

*Sinto muito por não ter tido a coragem de me despedir pessoalmente, mas eu sabia que você e Elizabeth tentariam me convencer a ficar. Já basta que vocês precisem proteger Juliet sem ter que se preocupar com uma velhota.*

*Tive uma vida boa, Santiago. Não me arrependo de nada.*

*Com amor por todos vocês,*

*Abuela Diana*

Santiago se sentou na beira da cama e releu a carta. Quando levantou os olhos, percebeu que a esposa estava parada na porta.

Ele balançou a cabeça.

— Não — disse Santiago.

— Não? Não o quê?

— Não — repetiu. Ele se levantou, deu a carta para a mulher e desceu a escada.

— Espere, Santiago! — Ele a escutou vindo atrás e a esperou na varanda. Olhou para as mãos outra vez, tocando os dedos, tentando

*image  
not  
available*

Gordon percebeu que nem ela acreditava no que estava dizendo. Ela sabia tão bem quanto Rodriguez — quanto todos eles — que aquele utilitário não tinha só desaparecido. Os quatro fuzileiros do veículo haviam desertado.

Depois de um instante de melancolia e silêncio, Rodriguez fez algo que Gordon achou genial: levou todo mundo para a sorveteria de iogurte.

Por incrível que pareça, a Yogurt Wonderland estava aberta. O garoto atrás do balcão, um adolescente com piercing na orelha e cabelo até o ombro tingido de vermelho-cereja, não pareceu especialmente surpreso ao ver entrar um pelotão de fuzileiros e três civis — Gordon, Espingarda e Teddie.

— Escute aqui, garoto — disse Rodriguez. — Pegue o que todo mundo aqui consumir e mande a conta para o Corpo de Fuzileiros, aos cuidados do governo dos Estados Unidos.

O garoto soprou uma bola pequena de chiclete e balançou a cabeça.

— Nem pensar. Dinheiro ou cartão.

Gordon precisava admirar a coragem do moleque. Com todos os fuzileiros, mais Gordon, Espingarda e Teddie, dentro da Yogurt Wonderland, a loja ficou lotada, e todos os fuzileiros estavam armados. Se bem que Gordon não sabia por que eles nem sequer se davam ao trabalho, já que nitidamente aquelas armas não eram a opção mais eficaz contra aranhas.

Rodriguez ficou tenso, mas, antes que ele pudesse responder, Espingarda se adiantou.

— Deixe comigo — disse ele, botando um cartão de crédito no balcão. Ele bateu na madeira com um baque sólido.

*image  
not  
available*



sinal, esse sinal específico deve estar saindo de algum lugar, e, em vez de *bloquear* esse sinal, poderíamos rastreá-lo.

— Então — disse Rodriguez —, como um radar?

O mais importante, disse Gordon, era que o aparelho funcionava como eles queriam, e, assim que eles ligaram o ST11, ficou nítido que havia um sinal específico, ou vários sinais, se comunicando com as aranhas.

— O quê? — disse Rodriguez, erguendo uma das sobrancelhas, obviamente cético. — Como transmissões de rádio?

— Não exatamente, mas sim, por aí. E o detalhe é que, com isto — disse ele, acariciando o ST11 —, podemos descobrir de onde as transmissões estão vindo.

— O centro de comando?

Espingarda se levantou. Ele pôs a mão na cintura e se alongou um pouco.

— Francamente? Não sei. Mas, pela primeira vez, acho que temos um jeito de ver onde aquelas coisas estão antes de elas brotarem e começarem a comer gente.

Rodriguez coçou o queixo e olhou para as fachadas das lojas. O adolescente saiu da sorveteria, trancou a porta e foi embora. Rodriguez deu um suspiro.

— Cacete. Certo. Isso é bom. Tem certeza?

Tanto Espingarda quanto Gordon tinham certeza.

Rodriguez pegou o rádio amarelo da Motorola que estava preso na cintura.

— Vamos precisar de algo com mais alcance do que isto, mas não sei para quem eu passo a informação.

— Ei! Ei!

*image  
not  
available*

## Casa Branca Manhattan, Nova York, Nova York

Nova York. Luminosa. Eterna. Intocada.

Bom, não completamente intocada. A Força Aérea e o Corpo de Engenheiros do Exército tinham demolido uma faixa de quase um quilômetro ao norte da rua 122 para criar uma terra de ninguém intransponível, protegida por uma mistura de agentes da Guarda Nacional, do Exército e dos Fuzileiros Navais. Os homens e mulheres estavam armados com um arsenal misto de lança-chamas e metralhadoras: as metralhadoras, para qualquer pessoa que tentasse entrar, e os lança-chamas, para qualquer penetra indesejado de oito patas que quisesse entrar de gaiato. Eles não tinham uma quantidade suficiente de lança-chamas, mas um engenheiro da Califórnia havia projetado uma versão caseira sensacional que podia ser montada em qualquer oficina bem equipada ou por qualquer pessoa com uma impressora 3-D que funcionasse com metal em vez de plástico. Pela primeira vez, Manny ficou feliz com essa moda hipster de “faça você mesmo”. Eles tinham montado quase duzentas bocas de lança-chamas no dia anterior, e o cara encarregado de construí-las — um sujeito com um coque masculino e tão ridiculamente bonito que chegava a dar raiva — disse que eles conseguiriam fazer quase quinhentos por dia dali para a frente. A melhor parte era que a pessoa responsável pela invenção desse lança-chamas, quem quer que fosse, tinha projetado

*image  
not  
available*

— Tudo bem. Mande entrar. E arrume uma Coca Diet para mim, por favor. — Ele se virou, parou e olhou para Champ. — Você está fazendo um bom trabalho. Continue assim.

— Obrigado, senhor.

Manny voltou para dentro da sala e se sentou. Eles estavam trabalhando em um casarão enorme no Upper East Side, a uma quadra do Central Park. Podiam ter ocupado alguma instalação oficial, mas, considerando que estavam no meio de um golpe de Estado, fazia mais sentido escolher algo um pouco mais difícil de achar. Havia mais de dez propriedades como aquela espalhadas pela cidade — edifícios que pareciam residências particulares, mas que na verdade pertenciam ao bom e velho Tio Sam. Manny não queria nem pensar no valor de mercado de uma propriedade como aquela. Quarenta, cinquenta milhões?

Eram mais de novecentos metros quadrados, com uma dúzia de quartos — dez dos quais tinham sido transformados em escritórios —, várias salas de estar e uma grande sala de jantar, além de ter brilho e luxo suficientes para agradar até o presidente mais cafona. E isso tudo só acima da superfície. Depois de adquirir o edifício por meio de uma série de empresas de fachada na crise do começo dos anos 2000, o Serviço Secreto escavou o subsolo e acrescentou três andares subterrâneos. Dois andares com salas de reuniões e gabinetes, e, no andar mais baixo, um abrigo antibomba. Aliás, o edifício inteiro tinha sido blindado: janelas capazes de resistir a uma bazuca, concreto reforçado, todo tipo de palhaçada que empolgava o pessoal do Serviço Secreto. Do térreo para cima, as pessoas provavelmente estavam protegidas contra qualquer ataque terrorista convencional, e os andares inferiores eram seguros

*image  
not  
available*

Era uma pergunta retórica, e Manny não se deu ao trabalho de responder. Embora parecesse que ela ia dar uma longa volta até chegar ao ponto que queria, Manny não se incomodou. Sair para a rua tinha sido uma ideia maravilhosa. Claro, talvez o ar não estivesse exatamente fresco — não com a presença constante dos cheiros da cidade —, mas estava agradável. As ruas não tinham absolutamente nenhum civil. Havia um efetivo de agentes do Serviço Secreto, assim como uma variedade de militares — nossa, ele esperava que aqueles homens e mulheres ali fossem mais leais que Broussard —, mas a rua parecia quase normal. Alguns dos edifícios em volta deles estavam acesos, outros, apagados, e Manny se perguntou se daria para ver as estrelas caso a cidade estivesse mais escura.

— A coisa de que eu mais gosto em Nova York — continuou Silverberg — é que ninguém é igual a ninguém. Milhões de pessoas, e cada uma tem sua própria história, sua própria vida, suas próprias opiniões. Para os nova-iorquinos, só existe consenso em duas coisas. A primeira é que não dá para obstruir a passagem. Sério, existe pecado pior em toda Nova York do que andar devagar ou parar no meio da calçada? É por isso que temos essa relação de amor e ódio com quem vem de fora. Mas o outro consenso entre os nova-iorquinos é que ninguém nunca mexe com a gente. Se alguém mexe com a cidade de Nova York, a gente vai para cima.

Eles dobraram a esquina. Os policiais de Silverberg estavam na dianteira, e a escolta de Manny vinha na retaguarda. Naquele momento, a segurança não parecia ser nenhuma grande necessidade, mas ele estava acostumado.

*image  
not  
available*



— Minha mãe é pastora, senhor — disse ela. — Estudei muito a Bíblia quando era pequena.

— Mateus 5:45?

— É do Sermão da Montanha. — Ela ficou olhando para o rosto de Manny, esperando algum sinal de reconhecimento. — Jesus?

— Tudo bem, até eu sei disso. Mas o que é? O que é Mateus 5:45?

— Eu sabia de cor, mas...

— Pode ser a versão aproximada, soldado.

A cabo Green apertou os olhos, concentrada.

— Não. Só um segundo. Hum, essa é a Nova Versão Internacional. Se você quiser uma tradução mais clássica, vai ter que perguntar para outra pessoa.

Manny tentou ter paciência, mas foi muito difícil não sacudir a cabo Green e gritar para ela andar logo. Ele estava sentindo, sabia que tinha alguma coisa importante ali. A surpresa de Steph ao ver que Cannon sabia de Mateus 5:45; a crença de Cannon de que isso poderia salvá-los de Broussard; e justamente o fato de ser algo que Manny não sabia.

— Então, esses são os últimos versículos, não só o 45, mas é mais ou menos assim: “Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem”, não sei o quê, não sei o que lá, e depois “ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos. Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso! E se vocês saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso! Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês”.

*image  
not  
available*

democracias não continuam grandes se não tomarem cuidado, e nossas Forças Armadas são tão numerosas que às vezes uma figura ruim pode passar despercebida. Enfim, depois do incidente Vail, meu antecessor quis garantir que fosse possível desligar tudo em caso de necessidade. Ele não chegou ao segundo mandato, mas o projeto Mateus 5:45 já estava quase concluído quando tomei posse. Decidi que, à luz do incidente Vail, não faria mal ter uma garantia para a Operação SALVAGUARDA.

Ela não estava se referindo ao resort de esqui. O incidente Vail tinha acontecido três anos antes de ela tomar posse e era tão confidencial que Manny só sabia as linhas gerais: um oficial mentalmente instável do Reino Unido tinha, por um período extremamente curto — menos de três minutos —, assumido o controle do arsenal nuclear britânico e iniciado um protocolo de lançamento do sistema inteiro. Felizmente, em três minutos só deu tempo de dar um grande susto, e o governo britânico conseguiu abafar tão bem a história que o público não ouviu nem um pio sobre ela. Na verdade, era só isso de que Manny tinha conhecimento. Ele não sabia nem por que era chamado de incidente “Vail”, mas sabia que, nos círculos muito restritos dentro do governo americano de quem conhecia os detalhes — e eram círculos restritos mesmo, para não incluir Manny Walchuck —, havia um receio genuíno de que algo parecido acontecesse nos Estados Unidos. Steph tinha razão. Por melhores que fossem as Forças Armadas — e Manny acreditava fervorosamente que eram as melhores do mundo —, das centenas de milhares de homens e mulheres de farda, nem todo mundo era confiável.

Como tinha sido comprovado por Broussard e seus seguidores.

eu poderia ter implementado algo mais agressivo do que uma quarentena e um bloqueio total de voos domésticos. Mas você sabe o que aconteceu depois. E agora você sabe o que aconteceu depois do Protocolo Espanhol. Destruímos nossas rodovias e nossa infraestrutura, e isso praticamente nem atrasou aqueles monstros.

“Não me arrependo de ter dado ordem para os ataques nucleares. Não mesmo.”

Steph ficou em silêncio por um instante, olhando para Manny com uma expressão angustiada.

— Você fez a coisa certa. Fez o que precisava fazer — disse ele.

— Eu sei, mas isso não faz eu me sentir melhor — respondeu ela. — E se chegar a esse ponto? E se daqui a alguns dias ficar claro que nós perdemos? E se ficar claro que eu devia ter seguido o conselho de Broussard? Se eu iniciar Mateus 5:45, não vou ter nenhuma margem de manobra.

Manny se deu conta de que ainda estava segurando a lata aberta de refrigerante e tomou um gole, mas Steph estava esperando uma resposta. Ele pensou por um instante e então se lembrou de uma das primeiras ocasiões em que percebera que Steph iria longe.

— Você lembra, na faculdade, quando jogou no lixo sua ficha de inscrição para o curso de medicina? Eu perguntei como você sabia que não queria ser médica. Seu pai e sua mãe eram médicos, e você tinha passado a vida inteira, todo o ensino médio e até o último minuto, pensando em cursar medicina. E lá estava você, jogando a ficha de inscrição no lixo para tentar o curso de direito, porque você tinha decidido que a sua vocação era a política. Quer dizer, àquela altura eu não tinha a menor ideia do que faria da minha vida, mas você tinha certeza. Lembra o que você disse?

*image  
not  
available*

constantemente para onde ele tinha ido, só para ele responder: “Não, sinto muito, não posso dar nenhuma dica, não, nem para você, querida, mesmo com três anos de namoro, e é claro que eu confio em você, mas a questão é o voto de confiança sagrado que o governo dos Estados Unidos e os combatentes das nossas Forças Armadas depositaram em mim para guardar segredo. Sinto muito. Não posso falar”.

É claro que, mesmo se ele pudesse falar para a namorada, a família ou os amigos aonde tinha ido, não *conseguiria*. Ele recebia um sonífero e usava um capuz que bloqueava qualquer estímulo visual tanto na ida quanto na volta. Seu trabalho era simplesmente passar seis semanas a cada oito sentado dentro de um bunker tão secreto que ele duvidava que mais de mil pessoas em todo o governo americano e nas Forças Armadas soubessem que ele existia; poxa, era tão secreto que, embora ele morasse e trabalhasse ali, nem sabia onde *ali* era. A única certeza que ele tinha era que, quando ia para o bunker, precisava sair de Denver, onde sua família morava, para Washington, D.C., e ali era dopado e coberto com o capuz, e depois já acordava no bunker. Quando saía do bunker, sempre acordava com alguém puxando o capuz de sua cabeça na mesma sala indistinta dentro do Pentágono. Ele achava que o bunker ficava em algum lugar na Costa Leste, talvez na Carolina do Norte ou do Sul, ou na Geórgia, mas até isso era meio que um chute. Então, se a família, os amigos e a namorada achavam que ele estava em campo auxiliando alguma missão de Operações Especiais, bom, tudo bem. Além do mais, quando acabasse, ele poderia pelo menos dizer qual era sua patente de verdade. Para o público, ele era o capitão Lou Jenks, da Força Aérea, mas a verdade

*image  
not  
available*

ficar com fome quando estou fazendo o *trabalho mais importante do mundo!*".

Embora eles fizessem piada, Lou imaginava que todos os operadores levassem aquilo a sério. A questão era que, no fim das contas, talvez fosse mesmo o trabalho mais importante do mundo. Sem brincadeira.

Em algum momento no começo dos anos 2000 — pelo visto, ninguém que trabalhava no bunker sabia dizer exatamente quando ou como, só que tinha acontecido durante o mandato de G.W.B. —, todas as bombas nucleares do arsenal americano tinham sido equipadas com autenticação dupla. Funcionava mais ou menos do mesmo jeito que a autenticação dupla ao entrar na conta do Google. Quando o presidente abria a bola de futebol nuclear para ordenar um ataque, havia uma série de verificações de segurança supostamente infalíveis que garantiriam a legitimidade da ordem antes do *cabum*. No entanto, todas elas seguiam a mesma hierarquia militar. Antes de G.W.B., houvera uma quantidade tenebrosa de sustos na história dos Estados Unidos. Lou não queria nem pensar em como provavelmente tinha sido pior em outros países. Mas a Operação SALVAGUARDA havia acrescentado essa segunda etapa. Como acessar o e-mail em um computador novo tendo ativado a autenticação dupla: depois de digitar a senha, a pessoa recebe também um número verificador no celular, e aí ela precisa digitar esse número para continuar. Era isso que eles faziam no bunker.

Em caso de ordem de ataque nuclear, quando fosse determinado que o presidente realmente tinha dado a ordem, o bunker a autenticava. Assim, uma ordem de ataque acidental não seria



autorizada, e também, no caso de algum maluco conseguir a chance de apertar o botão, não aconteceria nada de mais.

A questão era que, embora eles levassem o trabalho a sério, todo mundo brincava porque *o trabalho mais importante do mundo!* era ao mesmo tempo tedioso e muito fácil. Era o tipo de coisa que provavelmente teria parecido todo sofisticado e empolgante em um filme de Hollywood, mas a triste realidade era que a sala de comando do bunker era só um par de cubículos equipados com computadores que poderiam ter saído de qualquer loja de informática. Sempre havia dois homens na sala, e eles trabalhavam durante turnos de oito horas. E, na prática, o que eles faziam era... ficar sentados. Eles ficavam sentados, esperando a ordem que nunca vinha. Supostamente, nos primeiros meses da Operação SALVAGUARDA, os operadores não tinham permissão para fazer nada que pudesse representar uma distração, incluindo conversar entre si, ler, ouvir música etc. A pessoa tinha que se sentar diante da mesa e ficar olhando a tela. Como resultado, quase todos os operadores acabavam cochilando na mesa. O tempo todo. Para evitar isso, as ordens logo foram alteradas para que os operadores pudessem levar um livro ou ver um filme em um tablet ou fazer o que fosse preciso para passar o tempo e continuar alerta. Ainda assim, *o trabalho mais importante do mundo!* era essencialmente passar horas dentro de um cubículo até o turno acabar, com a consciência de que aquilo que todo mundo tinha sido treinado para fazer jamais seria necessário.

Até que, de repente, foi necessário.

Eles tinham internet, televisão e acesso relativamente ilimitado à mídia externa, então acompanharam o surto aracnídeo desde o

começo. Viram os vídeos de Delhi e Los Angeles. Viram praticamente tudo acontecer pelos notebooks, pelos tablets e pela televisão, mas Lou jamais acreditou realmente, nem quando os chineses lançaram bombas atômicas e a presidente autorizou o uso de armas convencionais para destruir as rodovias, que teria que confirmar uma ordem de ataque nuclear.

Faltavam cinco minutos para o fim do turno quando a presidente deu ordem para os ataques, e todos os alarmes no bunker dispararam. Ele estava recostado na cadeira, terminando um jogo de palavras cruzadas — o fácil de segunda-feira, porque os mais avançados eram muito difíceis —, quando a lâmpada vermelha grande no teto começou a piscar, e uma sirene alta e estridente berrou. Ele levou um susto tão grande que virou a cadeira e desabou no chão. Quando se levantou de novo, esfregando a cabeça, Hubbard já estava indo até a estante para buscar o fichário.

A Operação SALVAGUARDA era de última geração, um dos poucos lugares no governo americano onde segurança cibernética era um fator levado em conta de verdade, antes mesmo de todo o fiasco de interferência dos russos nas eleições, mas ao mesmo tempo era curiosamente antiquada. Havia redundâncias e mais redundâncias, e, embora o programa de fato pudesse rodar em um computador básico, tudo que cercava a Operação SALVAGUARDA era de alta tecnologia. Poxa, o bunker tinha uma linha fixa com o mundo exterior só para o caso de os outros sistemas — celular, satélite e rádio — caírem. Milhares de quilômetros de fiação, tudo para garantir que os dois operadores de serviço pudessem registrar os códigos necessários sem demora. Mas eles precisavam ir até uma estante física, pegar um fichário físico, abrir na página física certa e

olhar os códigos impressos em um papel físico, e então digitar tudo manualmente. A explicação era que, se os códigos só existissem naquele lugar, e só em formato impresso, seria praticamente impossível acessá-los ou roubá-los. Lou achava que era maluquice, mas, por outro lado, aquele era *o trabalho mais importante do mundo!*

Hubbard passou o dedo pela prateleira até achar o fichário com a data daquele dia e voltou para a mesa, folheando as páginas para achar a correspondente ao horário e ao código de autorização que a presidente tinha usado.

Lou gostava de Richard Hubbard. Embora ele praticamente só quisesse falar de jiu-jítsu, era gente boa. Passava todo o tempo livre vendo vídeos de jiu-jítsu no YouTube ou treinando na academia e tentando convencer os outros caras a lutar na sala de combate corpo a corpo. Ninguém topava, porque Hubbard não era um atleta de fim de semana. Na única vez em que Lou tinha aceitado o convite, crente de que sabia se virar, Hubbard deitara e rolara em cima dele, jogando-o no tatame até ele ficar todo roxo. Desde então, Lou havia passado a chamar jiu-jítsu de “caratê” só para provocá-lo. Claro, se isso chateava Hubbard, ele nunca tinha demonstrado nada. Era um dos poucos operadores que nunca brincavam com o *trabalho mais importante do mundo!* Era um cara rigoroso que levava o trabalho a sério, e, enquanto o via examinar o fichário, Lou pensou que talvez Hubbard tivesse a atitude certa no fim das contas.

Eles conferiram rapidamente as etapas, confirmando tudo, e então Hubbard ditou o código:

— Echo Romeo India November Sierra Echo Papa Tango um zero um nove sete zero.

Lou digitou cuidadosamente as letras e os números.

O engraçado era que, conforme eles executavam corretamente o procedimento de confirmação, Lou realmente achava que aquele era o trabalho mais importante do mundo — sem brincadeira. O que eles estavam fazendo ajudaria a salvar o mundo inteiro.

Foi só depois, quando já tinha sido rendido do turno, de volta ao camarote, que ele pensou em ver onde as bombas tinham sido lançadas. Era uma lista longa, mas uma cidade chamou sua atenção: Denver.

Denver não existia mais.

Seus pais. Seus irmãos e sua irmã. Sua namorada.

No dia seguinte, Lou teve que apresentar seu relatório ao comandante do bunker, o general de brigada Yoats, e, a essa altura, já havia chegado a uma conclusão: poderia suportar a perda se fosse para ajudar a salvar o mundo. Estava triste e arrasado, mas havia se alistado porque acreditava no bem maior. Yoats o havia liberado para voltar à ativa, e ele começara o turno seguinte a todo o vapor, na expectativa e preparado para confirmar o uso de mais bombas.

E então aconteceu o golpe.

O general fez algo inédito: convocou uma reunião com o bunker todo. Todos os homens do bunker estavam dentro da sala de convivência. Já haviam acontecido reuniões gerais no bunker antes, mas os dois operadores de serviço sempre participaram pelo intercomunicador. Dessa vez não.

— Se as sirenes tocarem, bom, é por isso que estamos fazendo esta reunião — disse Yoats. — Estamos recebendo ordens conflitantes. Aparentemente, grande parte das Forças Armadas está respondendo ao chefe do Estado-Maior Conjunto. Já falei diretamente com ele e recebi a ordem de responder a ele. Mas ainda há uma parte considerável das Forças sob o comando da presidente Pilgrim, e ela ainda detém o título. A presidente deu ordens para que recusássemos todo e qualquer pedido de verificação pela Operação SALVAGUARDA. Não estou falando nenhuma novidade para vocês.

Isso era verdade. Eles haviam sofrido alguns problemas de comunicação nitidamente resultantes do inferno comendo solto no mundo exterior, mas o bunker não tinha sido projetado para manter os operadores desinformados. A Operação SALVAGUARDA existia para impedir que a rebelião de um comandante ou de um grupo pequeno de homens e mulheres ou até uma confusão hierárquica não resultasse no uso de uma bomba nuclear. Quando o sistema foi projetado, a ideia de golpe militar nem sequer chegou a ser considerada.

Lou sabia que ele *devia* ficar aliviado com as ordens da presidente. Afinal, ele estivera na mesa e, junto com Hubbard, confirmara o uso da bomba que havia acabado com Denver e com praticamente todo mundo que ele amava. No entanto... No entanto, ele só conseguia pensar que era burrice parar. Se eles não continuassem, o sacrifício não teria sido em vão? Se não desintegrassem cada uma daquelas aranhas, de que teria adiantado fazer os primeiros lançamentos? Denver tinha sido sacrificada à toa? Você não para quando o inimigo está no chão. Por que usar

bombas nucleares se a ideia não é ir até o fim? A presidente queria o quê? Ficar olhando e esperar? Correr o risco de que a morte da família dele, de seus amigos, de sua namorada, tivesse sido em vão?

Eles conversaram durante algum tempo, e Yoats permitiu que todos os homens, até os que faziam parte da equipe de apoio, tivessem a chance de desabafar ou fazer perguntas.

Lou ficou calado.

Depois de quase uma hora, Yoats encerrou a conversa:

— Senhores, todos sabemos que, no comando da maior parte das Forças Armadas, Broussard — Lou reparou na ausência do posto e no desdém na voz de Yoats ao mencionar o chefe do Estado-Maior Conjunto — vai conseguir contornar a Operação SALVAGUARDA em questão de dias. Mas, até lá, faremos o que juramos fazer, que é obedecer à comandante-chefe.

Lou olhou para os outros operadores. Alguns deles, como Hubbard, estavam sentados com as costas eretas, olhando para Yoats como bons oficiais, mas ele percebeu que nem todo mundo parecia contente com o que o general tinha acabado de dizer.

Era com esses homens que ele estava interessado em conversar.

## USS *Elsie Downs*, oceano Atlântico

— Serve um telefone via satélite?

Os cientistas se viraram para Fred. Ele estava sentado em um banco no canto do laboratório. Uma das mãos estava abaixada para coçar a cabeça de Claymore. Com a outra, ele segurava um telefone. Melanie se deu conta de que estava de boca aberta. Ela a fechou, torcendo para que ninguém tivesse percebido.

— O que foi? — disse Fred. — Assim, eu também tenho um iPhone. Não sou um completo selvagem. Mas o sinal de celular não era lá muito bom em Desperation. — Ele olhou para Melanie, Julie, Mike, Laura e Will. — Desperation? Na Califórnia? A algumas horas de Los Angeles? — Eles o encaravam em silêncio. — Deixa pra lá. Fica no meio do nada, e não tem nenhuma torre de transmissão, então Espingarda arranhou telefones via satélite para a gente.

Amy mostrou o próprio telefone.

— Gordon e eu também temos. Mas não uso muito. É tipo um dólar por minuto. E, antes de tudo isso acontecer, acho que Gordon nunca chegou a usar o dele. Só anda com o aparelho porque eu obrigo.

Mike Haaf se aproximou. Ele lançou um olhar cauteloso para o cachorro, embora, pela experiência de Melanie, o pior que um labrador marrom podia fazer era pular no seu colo ou soltar pelo.

Ou comer a sua comida, se você fizesse a burrice de deixar o prato na beirada da mesa. Mike parecia achar que o cachorro ia avançar em sua garganta. O cara definitivamente preferia gatos.

Finalmente, Mike estendeu a mão para o telefone e esperou a permissão de Fred antes de pegá-lo.

— Quer dizer que vocês dois têm telefones via satélite? — perguntou Mike. Amy e Fred fizeram que sim com a cabeça. — E por que só estão falando disso agora?

Fred encarou Mike com um olhar capaz de cortar vidro.

— Porque, até agora, vocês não tinham precisado ligar para ninguém.

Mike olhou para ele.

— Tudo bem. Faz sentido. Eles funcionam?

Fred estendeu a mão e pegou o telefone de volta.

— Afe. É claro que funcionam. Não que eu tenha configurado nada. Espingarda é quem cuida de toda a parte de tecnologia. Nosso casamento tem algo que eu chamo de divisão de responsabilidades. Ele cuida de tudo o que é chato, como ganhar dinheiro e garantir que, sempre que eu apertar um botão, as coisas vão funcionar. Eu cuido da comida e do entretenimento e garanto que nossa vida seja sempre fabulosa. O que, admito, tem sido difícil ultimamente. Essa história toda de aranhas é um saco.

— Fred! — Amy deu um tapa no ombro dele. — Ignorem ele, por favor. Desculpe, Mike. — Ela olhou para as outras pessoas. — Ele só está tentando provocar vocês. Fred é um perigo quando fica entediado. Mas, sim, temos telefones via satélite, e, até onde eu sei, eles ainda funcionam. Nós dois enviamos mensagens de texto para



os nossos maridos sobre o... Isso é um golpe de Estado? Acho que é. Mas não tivemos resposta.

Amy levantou a mão, fechando os olhos por um instante, e Melanie lembrou que, qualquer que fosse a ameaça ali, no USS *Elsie Downs*, Gordon e Espingarda tinham ficado para trás quando o helicóptero sobrecarregado a resgatara.

— Desculpem — disse Amy. — Não tivemos resposta, mas faz só algumas horas, e antes nós tínhamos combinado que eles só ligariam o telefone uma vez por dia se não tivessem certeza de que conseguiriam recarregar a bateria. Mas nossos telefones estão com sinal. As mensagens saíram.

Mesmo sabendo que a porta do laboratório estava fechada, com dois marinheiros de guarda do lado de fora, Melanie deu uma olhada. Ela e os outros cientistas haviam sido informados da “mudança de liderança” e tiveram a chance de apresentar suas conclusões a Ben Broussard, o chefe do Estado-Maior Conjunto. Ao responder que eles ainda não estavam preparados, Melanie fora levada rápida e grosseiramente de volta ao laboratório. Porém, depois de mais ou menos uma hora, um soldado jovem tinha trazido um café e passado escondido um bilhete para Melanie: *Presidente em segurança. Em NY. Quer informações. Ajuda a caminho.*

Tudo aquilo era um pouco demais para Melanie. Ela nunca gostara da parte política de seu casamento com Manny, e definitivamente nunca tinha imaginado ficar no meio de um golpe de Estado; mas, como Manny sempre dizia, até durante o divórcio deles a gente joga com as cartas que vêm. E as cartas, nesse caso, eram que eles estavam presos em um laboratório improvisado dentro de um porta-aviões no meio de uma tentativa de derrubada

do governo americano durante o apocaranhalipse. Eram umas cartas bem ruins. Além disso, supostamente havia gente a bordo do USS *Elsie Downs* ainda do lado da presidente Pilgrim, e Melanie e companhia tinham que esperar alguma tentativa de resgate. Enquanto isso, ela estava com informações que precisava passar para Steph quanto antes, e as duas pessoas menos úteis no navio todo, Fred e Amy, tinham telefones via satélite.

Melanie deu um suspiro. A cabeça doía, e ela se deu conta de que estava rangendo os dentes.

— Certo. Isso é ótimo, óbvio. Mas, falando sério, como foi que deixaram vocês ficarem com esses telefones via satélite? Ninguém os revistou? Eu fui revistada. Todos nós fomos.

— É claro que nos revistaram — disse Fred. — Adivinhe onde eu escondi o meu!

— Não! — Amy suspirou. — Pelo amor de deus, não tente adivinhar onde ele escondeu. Ele só quer uma desculpa para falar alguma besteira sobre o lugar onde o sol não bate.

— Sem graça — bufou Fred.

— Agora não é hora para isso, Fred — disse Amy. Ela se virou para os cientistas. — Eles nos revistaram por alto, acho que para ver se tínhamos armas, sei lá, mas nós não parecemos oferecer nenhum grande perigo. Além disso, todo mundo sempre se distrai com o cachorro. Evidentemente, Claymore é mais interessante do que Fred e eu.

— Do que você, talvez — disse Fred, com cinismo.

Amy o ignorou.

— Enfim, acho que o garoto que nos revistou não imaginou que fossem telefones via satélite. Para quem não conhece, eles parecem

uns celulares velhos e toscos. Ele deve ter imaginado que nós éramos só dois velhos com celular de velho. Ele viu os telefones e nos devolveu. Acho que todo mundo estava mais concentrado em vocês. Fred e eu não somos muito relevantes.

— Ei!

— Ué, é verdade, Fred. Nós somos um apêndice. Aposto que o único motivo para nos deixarem ficar aqui no laboratório em vez de nos prenderem no nosso camarote ou nos colocarem junto com os outros civis foi porque se esqueceram da gente. De qualquer jeito, é mais fácil; assim eles só precisam de um par de guardas na porta. Acho que eles vão nos deixar em paz se não criarmos caso.

Amy mexeu no celular via satélite e o estendeu para Melanie.

— Pode ser que você não consiga outra chance de usar isto. Tenho certeza de que, se descobrirem que temos telefones via satélite, eles vão ser confiscados.

Melanie precisou pensar um segundo antes de lembrar o número. Estava tão acostumada a selecionar “Manny” sempre que queria ligar para ele que teve que se esforçar um pouco para recordar o número de fato. Manny ainda usava o número de quando eles eram casados, e era o mesmo cadastrado nas contas de fidelidade da livraria, da cafeteria e até do mercado, mas fazia anos que ela não precisava informá-lo. Felizmente, ela se lembrou. Digitou, esperou e balançou a cabeça.

— Nada.

— Não está funcionando? — Amy ficou surpresa.

— Não — respondeu Melanie. — Quer dizer, está. Acho que o seu está funcionando, mas não o dele. Escutei uma gravação de que os circuitos da rede de celulares estão sobrecarregados.

— E se você mandar um e-mail?

— Dá para fazer isso?

— Claro — disse Amy. — É lento, então não podemos enviar vídeo nem nada do tipo, mas uma mensagem de texto sairia. E pode ser que chegue até ele, não?

— Se ele estiver conferindo o e-mail, sim. Ele não receberia no celular, óbvio, não sem wi-fi, mas eles devem estar em algum lugar com wi-fi e notebooks.

Laura Nieder levantou a mão como uma aluna impaciente e, quando todo mundo se virou para ela, falou. Sua voz estava abatida.

— Não querendo soar pessimista, mas a internet está quebrada.

Will deu um suspiro.

— A internet não está *quebrada*. O problema é...

— Cacete, Will, é sério? — disse Laura. — Agora não é hora de ser pedante.

Melanie achou que, se Laura revirasse os olhos com um pouco mais de força, eles teriam pulado para dentro da cabeça.

— Que coisa — disse Fred —, vira e mexe aparece um meme novo e todo mundo fica “Ah, quebrou a internet!”. E finalmente alguma coisa quebrou a internet de verdade! Acho que só precisávamos de aranhas comedoras de gente para isso.

Will não conseguiu se conter.

— Ela não *quebrou*. A rede de transmissão é limitada...

Melanie sentiu as palavras flutuando à sua volta como estática. Cruzou os braços e apoiou a cabeça na mesa, frustrada. Fred ela aguentava. Aquela infantilidade teimosa tinha certo encanto, mas o esforço para manter a concentração dos outros cientistas era um pouco enlouquecedor. A explicação digressiva de Will sobre a

verdadeira causa da queda da internet era bem típica, e todos eles tinham as próprias manias. Ela descansou por alguns segundos, e o zum-zum da discussão de Will com Laura até que foi reconfortante.

— Tudo bem — disse Melanie, mesmo sabendo que, com a cabeça na mesa, sua voz sairia abafada. — Não consigo fazer uma ligação, não consigo mandar um e-mail, mas tenho que entrar em contato com Manny e a presidente. Como é que vamos fazer isso sem sair deste navio? Mandar uma porcaria de um telegrama? Pombo-correio?

Ninguém respondeu, e, no meio do silêncio, Melanie teve a impressão de ouvir um baque, depois outro. Ela não tinha certeza do que era o primeiro barulho, mas o segundo foi nítido e parecia muito um corpo caindo no chão.

E então, lentamente, a porta do laboratório se abriu. O homem que apareceu era tão grande que Melanie não conseguiu ver o rosto, mas não precisava: era fácil identificar o agente especial Tommy Riggs no meio de uma multidão.

Riggs deu um passo para o lado, e Melanie viu o corpo de um marinheiro no chão. Ele parecia estar dormindo placidamente, nocauteado. No lugar de Riggs, Billy Cannon apareceu na porta.

— Parem de olhar e comecem a andar — disse Cannon, sorrindo. Ninguém se mexeu, e ele balançou a cabeça. — Civis, santo Deus. Ah, que ótimo. Vocês têm um cachorro.

— O cachorro vem junto — disse Amy com um tom que não abria margem para discussão.

— É claro que vem — disse Cannon. — Por que não? Só estamos tentando fugir de um golpe de Estado no meio do apocalipse. Claro, vamos levar um cachorro!